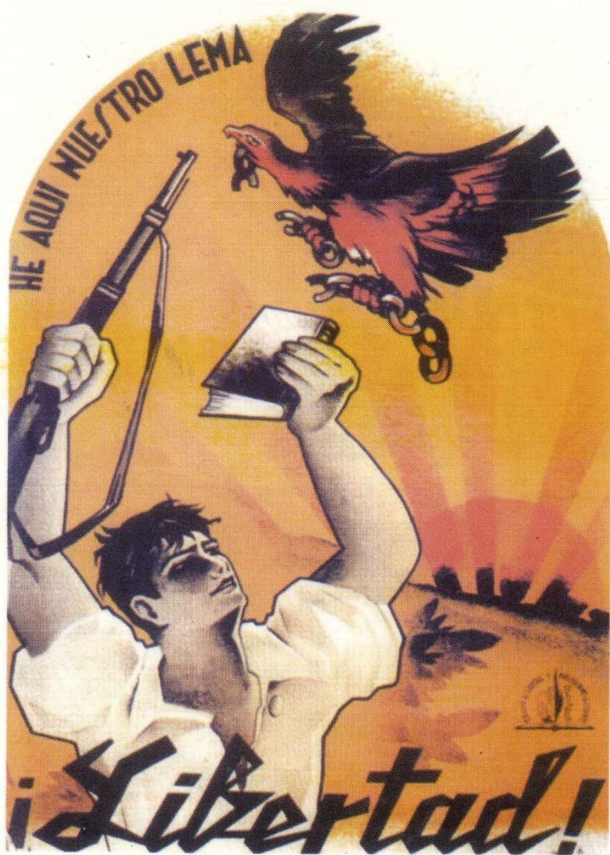


GRÉGORY CHAMBAT

# Instruir para revoltar

Fernand Pelloutier e a educação  
Rumo a uma pedagogia de ação direta





Grégory Chambat

**“INSTRUIR PARA REVOLTAR”**

**Fernand Pelloutier e a Educação  
Rumo a uma Pedagogia de Ação Direta**

*Tradução*

Plínio Augusto Coêlho

*Projeto de Capa: Plínio Augusto Coêlho*

**Fáisca Publicações Libertárias**

Rua Frei Caneca, 313/03  
Consolação  
01307-001 São Paulo - SP  
[www.editorafaisca.net](http://www.editorafaisca.net)

Impresso no Brasil  
2006

## SUMÁRIO

PELLOUTIER E A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA:

“INSTRUIR PARA REVOLTAR” 7

INTRODUÇÃO 11

PELLOUTIER, UM PENSAMENTO EM HERANÇA 15

“Instruir para revoltar” 17

Pelloutier na escola 20

Pelloutier contra a escola 22

a. A escola da Igreja 24

b. Escola pública ou escola da burguesia? 24

c. As universidades populares, “uma escola do operário”? 31

d. Uma educação socialista? 32

Trabalho de sala de aula 35

Bolsa e realização real da educação 38

Uma escola do sindicato 38

Sindicato e educação 39

Rumo a uma pedagogia de ação direta 45

O ensino mútuo na origem de uma pedagogia sindicalista? 45

Um trabalho de classe na aula ou a colocação

em prática de uma pedagogia de ação direta 52

Na escola das Bolsas 59

Conclusão: por que Pelloutier hoje? 61

PELLOUTIER E A EDUCAÇÃO - ANTOLOGIA 71

Excerto do prefácio a G. Sorel 71

A obra das Bolsas do Trabalho 75

O ensino em sociedade libertária 95

# PELLOUTIER E A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA: “INSTRUIR PARA REVOLTAR”

Sílvio Gallo\*

Gregory Chambat escolheu a bela e forte palavra de ordem “instruir para revoltar” para intitular essa apresentação de como Fernand Pelloutier, secretário da Federação das Bolsas de Trabalho, concebia a educação como uma forma de ação direta. Pelloutier, que saiu da educação média francesa sem conseguir maior sucesso e qualificação, mostra-nos Chambat, tornou-se um crítico da instituição escolar e defensor da educação como uma espécie de “cultivo de si”, na linha do que defenderam no século dezenove um Max Stirner e mais tarde um Friedrich Nietzsche, e que encontraria na tradição anarquista um forte eco na cultura do autodidatismo.

Pelloutier denunciou, na virada do século dezenove para o vinte, a escola como instituição disciplinar (evidentemente sem utilizar esse termo), antecipando em pelo menos setenta anos as brilhantes análises que faria Foucault em meados da segunda metade do século vinte. Ele dirigiu duras

---

\* Sílvio Gallo é professor e coordenador de Pós-graduação na Faculdade de Educação – Unicamp e membro do Instituto de Estudos Libertários – IEL.

críticas à escola pública francesa, de tradição republicana e laica, desde a Revolução, afirmando que ela continuava uma escola de submissão, ao lado e nos moldes de outras instituições (que depois de Foucault podemos chamar de disciplinares) como o exército, a prisão, o sistema jurídico. Chambat escreveu que "...Pelloutier parte do princípio que uma escola fundamentada na submissão não tem outro objetivo, conquanto ela se dedicasse a um outro, senão inculcar a obediência e não a livre reflexão. Modelada, controlada pelo poder, a escola tem seu lugar ao lado da Igreja, da prisão, da justiça e do exército, todas essas instituições construídas sobre o mesmo credo: arregimentar, doutrinar, manipular e descerebrar o indivíduo." (pp. 28-29).

Constatando a escola como instituição disciplinar, Pelloutier enuncia um interessante paradoxo: quanto mais instruídos, mais submissos e calmos são os homens. Ora, essa é a indicação de que a escola republicana francesa, anunciada como escola de emancipação, para além da religião e da nobreza, nada mais era do que mais uma escola de submissão. A instrução, o acesso à cultura era também uma forma de disciplinar, de fazer o indivíduo o sujeito de sua própria dominação. Se os inícios da modernidade burguesa foram marcados pelas campanhas para que os pais enviassem seus filhos à escola, Pelloutier, que não havia justamente encontrado sucesso nessa escola, denuncia seu caráter disciplinador e não libertário e emancipador.

Contra essa escola disciplinar, produtora de homens submissos, Pelloutier coloca uma "pedagogia da ação direta", o trabalho sindical (num sentido bem mais amplo do que aquele com que estamos acostumados no Brasil de hoje) como sala de aula, uma instrução e uma educação que não estão

voltadas para o disciplinamento do indivíduo, mas para o desenvolvimento de sua independência e sua autonomia, um cultivo de si para além de qualquer mestre ou patrão. Uma tal educação, pensava Pelloutier, seria revolucionária em si mesma.

Pelloutier trata a revolução como uma espécie de *acontecimento*, algo que não pode ser decretado ou desencadeado, mas sim preparado; aqui uma vez mais ele antecipa a filosofia contemporânea de Foucault ou Deleuze, por exemplo, para a qual a noção de acontecimento é fundamental. Ora, o acontecimento foge ao nosso controle; não podemos “domá-lo”, fazê-lo ao nosso modo, mas apenas captar seu fluxo e nele adentrar, procurando estabelecer alguns direcionamentos ou linhas de fuga. Ao anunciar que não se faz a revolução por decreto, que não há como controlar um processo revolucionário, o sindicalista francês trata a revolução como acontecimento. Algo para o qual podemos colaborar, mas não desencadear do nada. E se a revolução é da ordem do acontecimento, a educação ganha no processo revolucionário um importante papel. O processo educativo pode interferir no processo revolucionário, pode prepará-lo, tanto como antecipá-lo, na medida em que prepara os espíritos para ele. Quase um século depois, Deleuze diria que os filósofos estóicos da antiguidade desenvolveram uma ética do acontecimento, centrada na necessidade de “querer o acontecimento”. Querer o acontecimento é não negá-lo, não recusar-se a ele (o que nos torna infelizes), mas aceitá-lo e, com isso, fazer-mo-nos sujeitos do acontecimento, traçando seus contornos e produzindo linhas de fuga a partir dele. Em um linguajar moderno, fazer-mo-nos sujeitos do acontecimento, na mesma medida em que estamos sujeitos a ele. Parece ser assim



que Pelloutier compreendia a educação: uma maneira de fazermos-nos sujeitos do processo revolucionário, traçando nele linhas de fuga libertárias, na mesma medida em que estamos sujeitados a ele, sem poder controlá-lo ou decretá-lo.

Em suma, “instruir para revoltar”, eis a palavra de ordem de Pelloutier para a educação, colocando-a na contra-mão de todo o processo educativo da modernidade burguesa, que poderia ser enunciado na fórmula “instruir para disciplinar”, ou mesmo “instruir para controlar”.

Finalizando, quero destacar a atualidade das teses de Pelloutier e a importância de as editoras Imaginário e Faísca trazerem à luz este texto. Chambat aponta em sua introdução que Pelloutier é hoje um desconhecido na França. E, certamente, ainda mais desconhecido no Brasil. Sabemos que hoje o tema da educação aparece como mel na boca de políticos e empresários, como pudemos constatar pela campanha eleitoral de 2006. Em nosso país, afirmar a importância da educação para o desenvolvimento tornou-se uma dessas “unanimidades burras” das quais falava Nelson Rodrigues. É uma certeza de todos, mas poucos fazem (ou ninguém faz) alguma coisa que signifique, efetivamente, um avanço em termos educacionais ou mesmo uma melhoria em nossas escolas. Nesse contexto, trazer à luz as críticas de Pelloutier à educação republicana e laica da França de pouco mais de um século atrás, e sua proposta de uma educação libertária como “cultivo de si”, como ato revolucionário porque de insubmissão, significa qualificar a discussão.

Pensar, de fato, a educação, como ação concreta de exercício de liberdade e de revolta. É a isso que Pelloutier nos convida e nos convoca.

Campinas, setembro de 2006

## INTRODUÇÃO

De hoje a ontem...

No momento em que alguns sonham em purgar o sistema escolar do “pensamento maio de 68” em nome da “Santíssima Autoridade” e outros — mas eles se parecem tanto! — prometem fazer da educação “o grande mercado do século XXI” (Cl. Allègre) submetendo-a aos dogmas do liberalismo mais desenfreado, que alternativa opor a essa escola da grana, da repressão e dos patrões?

O formidável movimento de luta da primavera de 2003, em que os trabalhadores e as trabalhadoras da educação encontraram-se na ponta da contestação, certamente relançou a crítica das taras do sistema educativo e a luta por uma “outra” escola. Mas o caminho ainda é longo para que emergja desse movimento social renascente um projeto coletivo emancipador. Os militantes da C.N.T. na educação tentaram, em sua escala, iniciar esse debate, o verdadeiro, aquele travado nas assembléias gerais de luta, nos estabelecimentos etc., longe das manipulações ministeriais ou das pusilanidades sindicais. As poucas linhas que se seguem pretendem, antes de tudo, ser uma contribuição a esse “retorno” da questão social na escola...

Todavia, algumas pessoas talvez se surpreendam com a nossa escolha: por que, em 2004, abordar esse assunto por intermédio do pensamento de Fernand Pelloutier? Figura maior dos começos do sindicalismo francês, jornalista de pro-

fissão e animador incansável da Federação das Bolsas do Trabalho, esse militante não é um pedagogo no sentido tradicional, nem mesmo um educador.

Que motivos levam-nos, então, a publicar hoje uma antologia de seus (magros) textos sobre a educação? Simples iniciativa histórica? Mania de exumar textos antigos em vez de renovar a reflexão a partir dos dados de hoje?

Certamente não. Se o interesse pela história do movimento sindical em reunir esses escritos esparsos é inconteste, uma outra preocupação guiou-nos: aquela de apresentar, retornando às fontes, a contribuição perfeitamente original do sindicalismo revolucionário do início do século à reflexão sobre a educação. E Pelloutier encontra-se no ponto de junção dessa reflexão. Herdeiro da corrente antiautoritária, ele colocou — à diferença do marxismo mal-digerido pelos sucessores do “mestre” — a questão pedagógica no coração de sua atividade militante, à imagem de um Proudhon, de um Robin, de um Faure ou dos homens e das mulheres da Comuna. Todavia, ceifado nos balbucios do século pela enfermidade, jamais pôde confrontar suas posições com aquelas dos que o substituirão, esses professores e essas professoras que abraçaram o sindicalismo revolucionário e cerraram fileiras na C.G.T. a fim de lutar, no seio da Educação nacional, por “uma revolução social, educativa e pedagógica”.

PELLOUTIER,  
UM PENSAMENTO EM HERANÇA

## PELLOUTIER, UM PENSAMENTO EM HERANÇA

Péssimo orador, militante encarniçado e, contudo, discreto, incontestavelmente Pelloutier é um homem da escrita (testemunham as centenas de artigos e escritos diversos que trazem sua assinatura), mas seus livros, à diferença de tantos fraseadores, não entulharam, contudo, as bibliotecas do movimento operário. Reteve-se, sobretudo, sua *L'Histoire des Bourses du Travail* — coletânea de textos publicados por seu irmão Maurice após sua morte. Enfim, esse homem da sombra, esse organizador meticuloso, com tudo o que isso pôde comportar de tarefas obscuras e ingratas, permanece pouco conhecido... Amiúde, só sobreviveram algumas citações, alguns fragmentos de pensamento, que marcaram gerações militantes antes de chegar até nós. A posteridade atribui a Pelloutier a paternidade da expressão “ação direta”. Mas muitas outras fórmulas significativas, fadadas a um incontestável sucesso, nasceram de sua pena: “O que falta ao operário é a ciência de sua infelicidade”, “Somos [...] os amantes ardorosos da cultura do ‘si mesmo’”, “O anarquismo é simplesmente a arte de se cultivar e cultivar suficientemente os outros para que os homens possam governar-se e gozar” e a famosa “Instruir para revoltar”.

São inicialmente essas citações, reflexões dispersas, fragmentos de pensamentos retomados aqui e acolá que desper-

taram, de leitura em leitura, nossa curiosidade. Sobressai dessas leituras, antes de tudo, uma atenção permanente, quase obsessiva, pela questão educativa, num homem que não esperávamos encontrar forçosamente nesse terreno, mas que, no entanto, consagrou sua vida a “aprender e agir”, segundo a fórmula de seu amigo Sorel...

Como Pelloutier chega a interessar-se pela educação? Pela mais evidente e mais terrível das constatações, diremos: aquela do absurdo da condição dos explorados, já enunciada por La Boétie em seu *Discurso sobre a Servidão Voluntária*. O militante revolucionário não cessa de surpreender-se e revoltar-se diante desse *non-sens*:

Quando pensamos que os exploradores são um punhado, os explorados um batalhão; que, em cada uma de nossas grandes cidades, com alguns milhares de soldados mais ou menos devotados à ordem social, contém unicamente por sua presença até dez vezes esse contingente de homens válidos e robustos; que, para suprimir a desigualdade das armas, a ciência oferece seus serviços à revolta, e que, no entanto, os nove milhões de explorados aguardam com uma calma e uma humildade sempre crescentes o bel-prazer de seus exploradores, o espírito surpreende-se e a razão indigna-se. (“L’Art et la Révolte”)

Para compreender esse mistério, Pelloutier fez da educação “a” questão revolucionária e pôs sua ação sob o signo da pedagogia. São as respostas que ele tentou dar, que nós nos propomos a apresentar agora.

## “Instruir para Revoltar”

Na multidão das referências à educação que encontramos em Pelloutier, uma delas não cessa de intrigar: “Instruir para revoltar” (“L’Action Sociale”, *l’Ouvrier des deux mondes*, nº 15, maio de 1898, p. 230). Como resistir ao desejo de escavar, superar o “slogan” para tentar ali descobrir o que se diz disso verdadeiramente: fórmula brilhante mas fácil, ou, então, síntese percussora de uma reflexão profundamente original sobre a educação dos oprimidos?

Que lugar ocupa essa questão educativa em Pelloutier? É preciso ver, como nos convida a isso a leitura de sua *Lettre aux anarchistes*, a linha de fratura que separa irremediavelmente o socialismo autoritário da corrente socialista antiautoritária? Testemunha, em todo o caso, essa famosa passagem em que Pelloutier convida seus amigos libertários a entrar na luta social:

Atualmente nossa situação no mundo socialista é a seguinte: proscritos do “Partido” porque, não menos revolucionários que Vaillant e Guesde, tão resolutamente partidários da supressão da propriedade individual, somos além do mais o que eles não são: revoltados de todas as horas, homens verdadeiramente sem deus, sem amo e sem pátria, os inimigos irreconciliáveis de todo despötismo, moral ou material, individual ou coletivo, quer dizer, das leis e das ditaduras (inclusive a do proletariado) e os amantes ardorosos da cultura de si mesmo.

Mais do que a obstinação na luta contra o capitalismo ou a fé na necessidade revolucionária, o que separa resoluta-

mente os dois "irmãos inimigos" do movimento operário, é, antes de tudo, o imperativo de uma emancipação integral da humanidade enfim liberta de toda opressão estatista, política, econômica, cultural e... individual. Essa liberação necessita de bem mais do que a adesão ao processo revolucionário, ela exige um esforço simultaneamente coletivo e pessoal para livrar-se de sua condição de explorado. O conhecimento, o saber, a educação, "a cultura de si mesmo", todas armas preciosas das quais o proletariado deve dotar-se o mais rápido possível. A cultura como arma, imagem forte e guerreira, idéia recorrente sob a pena de Pelloutier:

No dia em que o povo levantar-se, ele terá com o ferro, com o fogo, essa arma mais segura do que todas as outras: a força moral devida à cultura da inteligência.

Assim, a prática sindical cotidiana, se ela entende permanecer fiel à sua dimensão revolucionária, não poderia negligenciar essa iniciativa educativa. Compreende-se, lendo Pelloutier, o que distingue radicalmente o funcionamento da organização sindical da concepção autoritária do Partido operário. O sindicalismo põe sua dinâmica coletiva a serviço do desenvolvimento dos indivíduos, não o inverso. O pensamento revolucionário de Pelloutier é fundamentalmente dialético: nada de revolução sem educação, nada de educação sem revolução... Querer mudar a sociedade sem mudar os homens, tal é a utopia da qual o sindicalismo de Pelloutier busca livrar-se:

Ninguém crê ou espera que a próxima revolução, por mais formidável que ela deva ser, realize o comunismo anárquico puro. Porquanto ela eclodirá, sem dúvida, antes que



esteja concluída a educação anarquista, os homens não estarão absolutamente maduros para poder organizar-se por eles mesmos, e, por muito tempo, os caprichos sufocarão neles a voz da razão... Mas o estado transitório a suportar deve ser necessariamente, fatalmente a prisão coletivista? Não pode consistir numa organização libertária limitada exclusivamente às necessidades da produção e do consumo, todas as instituições políticas tendo desaparecido? (“L’anarchisme et les syndicats ouvriers” em *Les Temps Nouveaux*, 2 de novembro de 1895).

Entretanto, paradoxo desconcertante, os escritos consagrados exclusivamente ao tema da educação são raros. Se *L’Histoire des Bourses du Travail*, apresenta em várias páginas a obra de ensino das Bolsas (segundo dos quatro serviços descritos, logo atrás dos serviços de mutualidade mas antes daqueles da propaganda e da ação cooperativa), apenas dois artigos evocam diretamente a questão educativa sobre os 225 escritos de Pelloutier na bibliografia de J. Julliard! Dessa magra lista, poder-se-á igualmente reter, como o faz o autor de *Fernand Pelloutier et les origines du syndicalisme d’action directe* sob a rubrica “l’éducation sociale”, o texto intitulado “Le Musée du Travail”, escrito fundamental para compreender o “procedimento” pedagógico de Pelloutier. Enfim, alguns folhetos constituem a síntese do pensamento explícito de Pelloutier sobre a questão educativa. Todavia, muito rápido, o leitor atento ao resto da obra do sindicalista constata que essa reflexão pedagógica impregna e irriga totalmente o conjunto da teoria, e propõe-se, impõe-se quase em cada página... Quando Pelloutier não hesita escrever na introdução de seu texto “O ensino em sociedade libertária”: “A questão do ensino é incontestavelmente a mais importante, pois só

dela depende toda a vida social." É toda a sua produção escrita que traz a marca e o testemunho disso. E é porque "toda a vida social depende disso" que essa questão educativa assume, aos olhos do secretário da federação das Bolsas, um caráter tão essencial quanto a ação sindical. Bem mais, ambos são indissociáveis, e ele abordará sempre o sindicalismo por intermédio de suas duas dimensões: uma perspectiva de transformação social (o confronto cotidiano com o real pela melhoria imediata do destino dos trabalhadores) e uma perspectiva pedagógica (a prática coletiva como valor exemplar na longa caminhada rumo à auto-emancipação dos explorados).

### Pelloutier na escola

Nenhum projeto educativo pode ser totalmente compreendido sem referência à própria educação e escolaridade de seu iniciador. Assim, se o pai de Pelloutier é agnóstico e anticlerical por tradição familiar, a mãe é, ao contrário, devota e praticante fervorosa. Todavia, infelizmente para os dois irmãos Maurice e Fernand, é ela quem, no seio do círculo familiar, encarregar-se-á da educação dos dois filhos na tradição religiosa. Na escola, os pequenos Pelloutier serão confiados aos frades das escolas cristãs, em Paris, antes de frequentar o pequeno seminário de Guérande. Todos os biógrafos rivalizam em fórmulas para retratar a tristeza, a vetustez desse local onde grassam rudes métodos autoritários e onde a alimentação distingue-se por sua mediocridade... É uma experiência escolar terrível que convém mal ao espírito rebelde do jovem Fernand. Este se faz observar ali por seu

caráter insubmisso: duas fugas do seminário, leitura dos romances anticlericais e, segundo parece, não hesita em denunciar por escrito o tartufismo desses religiosos arrogantes... Nesse universo sem perspectiva, vem em mente a imagem desses jovens "intelectuais" proletarizados imortalizada alguns anos antes por um outro revolucionário de Loire-Atlântico, Jules Vallès. Pode-se crer que a frase, empregada em exergue no romance *Le Bachelier* — "Àqueles que, nutridos de grego e latim, morreram de fome, dedico este livro" — anunciava tanto o destino de Fernand Pelloutier quanto aquele do herói Jacques Vingtras! Por sinal, segundo seu amigo Sorel, foi nesse seminário que Pelloutier teria contraído os germes da enfermidade que iria matá-lo aos 33 anos. Entretanto, o anticlericalismo e as repetidas fugas ("evasões" segundo o mesmo Sorel), a detenção da literatura "subversiva" levam-no à porta dessa "prisão escolar" e, enfim, conduzem-no a um estabelecimento que lhe convirá melhor, o colégio laico — e moderno — de Saint-Nazaire. Lá, seus esforços irregulares não serão suficientes para que ele obtenha aprovação no BAC.\* Assim, ele sairá da escola sem formação profissional nem "qualificação". Um percurso que influenciará, seguramente, suas concepções em matéria de educação. Essa iniciação intelectual inacabada explicará, em particular, sua sede de conhecimento, essa necessidade de "cultivar-se a si mesmo". E é, enfim, um pouco sua própria experiência, essa *démarche* de autodidata, que ele buscará teorizar e generalizar em seu "programa" educativo.

---

\* "Bac" é a abreviação de "baccalauréat", que corresponde grosso modo ao nosso vestibular. (N.T.)

O que certamente salva Pelloutier do desespero e de uma vida medíocre ao sair da escola é sua paixão pelo jornalismo. Forte por sua “experiência” (!) escolar de redator do *Écho du Collège*, ele colabora no jornal *La Démocratie de l'Ouest*, aos dezesseis anos. Antes de completar 18 anos torna-se o redator-chefe. Por sinal, no jornalismo que ele defenderá durante toda a sua vida, interessando-se antes de tudo pelas pesquisas de campo e pelas monografias, não vemos despontar igualmente essa abordagem pedagógica, essa preocupação didática que o caracterizou? Seu percurso militante far-lhe-á frequentar muitas redações, persuadido de que não há educação possível para o proletariado sem imprensa operária. O fracasso de “sua” revista, *L'Ouvrier des deux mondes*, órgão da federação das Bolsas, deixará Pelloutier inconsolável e reforçará sua determinação para paliar a falta de instrução do operário e libertá-lo da “falsa” educação que lhe foi até ali “caritativamente” concedida.

### **Pelloutier contra a escola**

Como sindicalista conseqüente, Pelloutier consagrou sua vida à emancipação dos trabalhadores e ao advento de uma sociedade mais justa e igualitária, emanada da greve geral (conceito que se confunde nele — como em todos os animadores do sindicalismo revolucionário que lhe sucederão — com a idéia de revolução social). Libertário convicto, ele sabe que essa revolução não pode ser decretada, que não pode ser fixada de antemão no calendário. Ao contrário, o estudo da história do movimento operário fez-lhe tomar consciência de que o papel de um militante é preparar-se pacientemente para

essa revolução e armar a classe operária antes que ecloda a batalha final. Trata-se de combater cotidianamente aqueles que se erguem contra a emancipação: a burguesia, seu Estado, seu exército, sua polícia, sua justiça, mas também — e sobretudo — sua ideologia, que permite a uma ínfima minoria legitimar seu poder. Essa opressão ideológica, Pelloutier combate-a e persegue-a na arte, assunto que lhe é particularmente muito importante.

A arte burguesa faz mais pela manutenção do regime capitalista do que todas as outras forças sociais reunidas: governo, exército, polícia, magistratura. ("L'Art et la Révolte")

Pode-se sinceramente considerar, sem desnaturar o pensamento de Pelloutier, que a escola desempenha para ele o mesmo papel. Esses dois "aparelhos ideológicos de Estado", como se diria hoje, têm em comum o fato de que eles são simultaneamente as piores cadeias para a humanidade explorada e os instrumentos que lhe permitirão forjar um outro futuro. Paradoxo no qual os militantes de hoje se encontram igualmente: difícil fazer ouvir uma voz crítica em relação às taras da escola pública e suas funções sociais (seleção, formação etc.) enquanto inúmeros militantes estiverem engajados no combate (legítimo) contra a privatização e a mercantilização da escola em nome da "defesa" do serviço público garantidor de uma certa "igualdade". Para Pelloutier, o objetivo é claro: a educação deve pôr-se a serviço da revolução, pois sem educação do povo, nenhuma revolução autêntica será possível.

Enquanto restar no espírito dos homens a sombra de um preconceito, poder-se-á fazer insurreições, modificar mais ou menos as inúteis engrenagens políticas, até mesmo derrubar

os impérios: não terá soado a hora da revolução! ("L'Art et la Révolte")

Mas como ensinar aos explorados os segredos de sua emancipação? E, sobretudo, a qual escola confiar essa tarefa?

### **a. A escola da Igreja**

Conquanto situada sob o regime gratuito, laico e obrigatório das leis de Jules Ferry, a educação na França, na virada do século, ainda permanece bem impregnada da influência e da tradição religiosa da Igreja católica. O compromisso estabelecido pelos republicanos burgueses com os clericais moderados deixa uma grande parte de autonomia às escolas religiosas, cujo peso se fará pesadamente sentir alguns anos mais tarde no momento das leis de 1905, que instituem a separação da Igreja e do Estado. Pelloutier, em sua juventude, sofreu esse recrutamento religioso, inicialmente entre os frades, depois, no pequeno seminário. É necessário dizer que a escola "de Deus" não colhe as simpatias do libertário? Ainda que seu irmão Maurice recuse-se a considerar Fernand anticlerical, este, militante livre-pensador, só verá nos padres e no seu ensinamento, hipocrisia e obstáculo à emancipação coletiva e individual. Dessas escolas certamente não sairão os homens "orgulhosos e livres" que ele espera ver um dia assumirem seu destino.

### **b. Escola pública ou escola da burguesia?**

Com as leis Ferry, a mitologia republicana burguesa quis fazer crer que o Estado dispunha-se, enfim, a difundir as Luzes até no proletariado. Mas este último pode satisfazer-se

com a educação que a burguesia concede-lhe? O movimento operário não se deixava enganar por essa empresa “caridosa” e interessada. Pelloutier é daqueles que pensam que a luta pela emancipação de todos deverá igualmente varrer a instituição escolar do Estado burguês.

Tomamos aqui a liberdade de abrir um parêntese sobre a concepção do “serviço público” de Pelloutier, tão distante do pensamento de nosso tempo. Sabemo-lo “pragmático”. Ele não hesitou em aceitar e, inclusive, reivindicar subvenções dos poderes públicos para assegurar o funcionamento das Bolsas. Isso lhe foi regularmente censurado, por seus contraditores de maior ou menor boa fé. A estes, retorquia que não havia qualquer compromisso em “recuperar” uma parte ínfima da riqueza produzida se ela fosse gerida com toda independência pelos operários. Entretanto, a resposta de Pelloutier quanto ao interesse ou à utilidade da escola “pública” para os operários é sem ambigüidade: ele, o fervoroso republicano, que defenderá sempre esse sistema do “mal menor”, precisa várias vezes que os sindicatos não têm nada a fazer com a escola do Estado. Dupla linguagem? Não, pois se o dinheiro das Bolsas é administrado pelos próprios trabalhadores, para seus próprios interesses, a escola pública, quanto a ela, é e permanecerá para sempre estranha ao mundo operário. Enquanto ela não for gerida diretamente por seus usuários para seus próprios interesses, sua própria emancipação, ela não será um serviço público. Por falta de projeto emancipador, o sistema de ensino público revela-se, para o Estado, o “melhor instrumento de dominação”:

Seria pueril crer e esperar que o Estado, salvaguarda das altas classes, consentisse, restituindo à coletividade a liber-

dade de seu ensino, em destruir ele próprio seu melhor instrumento de dominação.

Pelloutier dedicar-se-á a imaginar, e a construir, um “ensino [...] absolutamente livre”. Sé o ensino burguês, em sua forma e seu conteúdo, é destinado a manter a ordem burguesa, a emancipação operária não poderá deixar de criar um ensino operário que lhe seja próprio. Caberá a estes últimos, então, por intermédio de suas organizações, instituir esse ensino emancipador:

[Os sindicatos] concebem (por uma aplicação cada vez mais ampla do princípio da luta das classes, e em virtude de sua tendência socialista em eliminar progressivamente todas as instituições atuais), concebem, dizemos, a necessidade de eles próprios modelarem os serviços de toda ordem...

e à frente desses serviços figura a instrução... mas uma instrução “autônoma”, uma “auto-organização” dos trabalhadores:

Apelar ao concurso do Estado? [...] Rogá-lo para revelar ao proletariado o segredo da iniquidade capitalista? [...] Não. Só o povo pode e deve coletar os elementos de sua instrução. (“Le Musée du Travail”)

Essa condenação da escola de Estado é essencial para compreender a profundidade e o caráter revolucionário desse projeto educativo. Ainda mais porque, em nossos dias, a escola de Estado vê-se demasiado amiúde ornada de todas as honrarias, até entre aqueles que sustentam lutar contra o sistema. Essa crítica é tanto mais esclarecedora porque Pelloutier declara-se ardente partidário da República, diferente-



mente de muitos sindicalistas revolucionários. A República, para ele, é antes de tudo uma muralha contra a barbárie monarquista e o Antigo Regime. Consciente de que a Reação ainda está bem viva, em particular no campo, ele considera que o combate republicano ainda não está concluído. No oposto desses republicanos moderados que estão em busca de compromissos com o inimigo, Pelloutier faz do combate republicano uma das facetas do combate social...

Os sindicatos operários não se desapegaram do regime republicano, o único capaz de dar-lhes o direito à existência; eles aprovam toda a grandeza e todas as conseqüências da queda da monarquia; mas, ao lado dos direitos políticos que receberam de seus pais, eles tencionam conquistar a melhoria material de seu destino. ("Lettre ouverte au directeur du Temps", A. Hébrard, publicada em *La Démocratie de l'Ouest*, em 12 de julho de 1892)

Assim, não nos surpreenderemos ao ler seu balanço das leis Ferry:

A instrução pública data de ontem; ela não foi, ainda não é, senão parcimoniosamente distribuída às classes laboriosas, e, contudo, já produziu essa soma de reivindicações sintetizadas sob o nome de socialismo. ("L'Art et la Révolte")

Como compreender essas poucas linhas? São elas um desmentido de nossa apresentação de um Pelloutier feroz adversário da escola estatista? Parece, antes, que Pelloutier aplica à escola a análise comedida e dialética que faz da República. Se ele se recusa a ver nela um sistema insignificante para o operário, se reconhece as conquistas ante o sistema

monarquista (ou o ensino religioso), não deixa de ser, contudo, crítico. A escola pública é apenas um esboço de educação, assim como a República é só um esboço de emancipação. Permite entrever o que poderia se tornar a humanidade liberada de suas cadeias. Todavia, intrinsecamente desigualitária, elevando só uma minoria ao nível de seres humanos plenamente realizados, ela torna ainda mais insustentável a opressão da qual é vítima a multidão. Ressaltemos, enfim, que a emancipação não nasce tanto, na citação de Pelloutier, da própria instrução pública, mas da capacidade do operário de sintetizar e criar suas próprias reivindicações. Mais ainda: se a instrução avança, quando a liberação da humanidade patina, é que, para o observador avisado, “há algo de podre no reino da Dinamarca”:

A ingenuidade pública, como podeis ver, tornou-se tal, desde há uns vinte anos, que parece ter crescido proporcionalmente ao desenvolvimento da instrução. Longe de mim a intenção criminosa de acusar por isso nosso belo ensino laico; mas constato que a sede do ouro obliterou o senso comum a ponto de não distinguir mais nada, nem o bem nem o mal, nem a mentira nem a verdade, e que a multidão atira-se ao abismo com a mesma cegueira que os adeptos do sistema de Law. (*L'Avenir Social*, de 5 a 12 de julho de 1893)

Sem efetivamente acusar a escola pública de todos os males, curioso, com efeito, esse recuo do “bom senso”. Quanto mais instruídos são os homens, mais eles se mostram submissos e calmos! O que se oculta por trás desse paradoxo? Que conclusão o militante deve extrair dele? A questão merece, para Pelloutier, ser aprofundada.

Antes de tudo, Pelloutier parte do princípio que uma

escola fundamentada na submissão não tem outro objetivo, conquanto ela se dedicasse a um outro, senão inculcar a obediência e não a livre reflexão. Modelada, controlada pelo poder, a escola tem seu lugar ao lado da Igreja, da prisão, da justiça e do exército, todas essas instituições construídas sobre o mesmo credo: arregimentar, doutrinar, manipular e descebrar o indivíduo. O exército é o arquétipo desse ensino para a submissão:

Quem obedeceu, segundo Renan, é um capitão menor aviltado no próprio germe da vida nobre. Essa obediência passiva torna o indivíduo servil em relação a seus superiores, e, por uma reação natural, arrogante em relação a seus subordinados... As maquinações dos profissionais militares provam uma moralidade rude análoga àquela dos selvagens e justificam o que escreveram A. Corre e Colajani: "O militarismo é uma escola de desmoralização e miséria, uma escola do crime." A justiça, quanto a ela, é a escola da reprodução social: "Surdo às queixas da justiça lesada, [o magistrado] bajula, louva, felicita, absolve, em virtude desse princípio segundo o qual é preciso antes de tudo conservar intacta a hierarquia social, garantia superior da tranquilidade pública." ("L'Art et la Révolte")

Se só o homem instruído pode ser livre e dispensar o governo, se só uma classe instruída pode autogovernar-se, como escrevia Proudhon, não é certamente após ter passado pelas escolas da submissão e do adestramento. O espetáculo da vilania e do servilismo popular lembra-o demasiado dolorosamente:

Essa multidão, basta que alguns homens digam-lhe "pensa isso" para que ela o pense; "faz isso" para que ela o faça;

“sustenta-nos” para que ela lhes consagre seus braços; “vem” para que ela acorra; “vai embora!” para que ela parta; e, é tal a facilidade de sua obediência, que os ricos nem mesmo tomam mais, para ditar-lhe suas ordens, as precauções tomadas com o cão submisso mas agressivo.

Essa amarga e desencantada constatação mostra-nos que se Pelloutier rejeita a ingerência intelectual da burguesia na luta social, não há qualquer vestígio nele de angelismo sobre a condição do operário (que ele conhece por tê-la meticulosamente estudado), mas uma exigência de esforço, “cultura de si mesmo”, para se superar (quer dizer, emancipar-se, liberar-se de si). E é preciso ler as linhas que ele consagra em “L’Art et la Révolte” à crítica à delegação de poder, essa demissão intelectual tão bem inculcada pela escola da República, para compreender como sua paixão pela educação nutre-se de sua observação cotidiana no seio das lutas sindicais:

A burguesia não adestra mais o povo, ela o vaia.

Essa crítica de um ensino “burguês”, nutrida com uma leitura refinada da realidade social, não é a expressão de um simples radicalismo verbal, mas a conclusão de uma análise rigorosa não apenas dos conteúdos do ensino dispensado aos operários da época, mas igualmente dos métodos empregados. Com efeito, Pelloutier chega à conclusão de que ideologia e pedagogia estão indissociavelmente mescladas, cada modo de organização social cria e aperfeiçoa seu próprio sistema de transmissão do saber.

O regime monarquista, o espírito católico, o regime democrático, o espírito protestante; espírito maleável aos hipó-

critas abençoadores que buscam numa aparência de livre exame o meio de aprovar mais à vontade.

Sua crítica à escola pública — de fato escola da burguesia e do Estado — leva-o a uma dupla denúncia, aquela dos conteúdos e aquela outra dos métodos, ambas dependentes das finalidades fixadas a esse ensino. Para passar da fase crítica à fase construtiva, convém dotar o ensino “liberado” encarregado de emancipar os explorados, de um conteúdo e de métodos tomando o oposto das práticas religiosas ou estatistas.

### **c. As universidades populares, “uma escola do operário”?**

Enquanto Pelloutier interessa-se cada vez mais pela questão educativa, florescem com real sucesso, um pouco em toda parte na França, universidades populares. Seriam elas as escolas que o sindicalismo reivindica? Estudando a escola pública e a escola católica, Pelloutier convencera-se de que todo ensino estranho a seus destinatários é uma falsa educação, uma manipulação. É assim que, com toda a lógica, ele permanecerá sempre desconfiado e, sobretudo, indiferente em relação às universidades populares. Porquanto Pelloutier permanece preferencialmente silencioso em relação a isso, estudemos o que diz Sorel em seu prefácio a *L'Histoire des Bourses du Travail*:

A experiência mostrou que a educação artística, científica e literária do povo poderia de maneira muito útil ser dirigida pelas Bolsas; num sólido estudo sobre as universidades populares, Charles Guieysse estima que elas só podem lograr êxito se os conferencistas não buscam erigir-se como “mes-

tres”; é preciso que eles se coloquem à disposição de seu auditório para abordar os temas de que este necessita: “As U.P. fundadas por Bolsas do Trabalho, sindicatos, que o autoritarismo político não atingiu, são as melhores”.

Pelloutier contenta-se, em algumas linhas, em definir essas universidades populares burguesas como escolas para o povo e não do povo; é o que as diferencia das Bolsas do Trabalho, essas “universidades do operário” segundo a fórmula de E. Petit, que ele cita em *L'Histoire des Bourses*. Essa exigência de autonomia esclarece a célebre fórmula “Instruir para revoltar”, e evita o contra-senso que consistiria em ver nela um apelo a construir “escolas do Partido” ou “do sindicato”, encarregadas de formar os quadros para difundir a boa palavra aos militantes “de base”. Por sinal, a pedagogia de Pelloutier, e sua concepção do movimento operário são impermeáveis às teorias vanguardistas. E é com desprezo e ironia que ele varre as aspirações de uma aristocracia intelectual que tenciona imiscuir-se na luta de classes:

Não seria, ainda, senão a incomensurável vaidade demonstrada por muitos escritores, [...] que dão por objetivo ao socialismo a criação de uma aristocracia de artistas e letrados: tais pretensões fazem sorrir de tão ingênuas que são! (“L'Art et la Révolte”)

#### **d. Uma educação socialista?**

Em seu histórico do movimento operário, iniciado em *L'Histoire des Bourses*, e no qual ataca as diferentes manobras dos Partidos socialistas, Fernand Pelloutier faz um balanço pouco reluzente da atividade deles em matéria de educação operária:

Quanto à educação econômica do proletariado, à cultura de seu espírito de iniciativa, à sua formação às modalidades socialistas de um organismo, besteiras! "A emancipação social subordinada à apropriação coletiva dos meios de produção; essa apropriação subordinada à ação revolucionária do proletariado organizado como Partido socialista distinto", eis tudo o que importava saber. (*L'Histoire des Bourses*)

Em contrapartida, quando descreve os princípios de ensino das Bolsas, nenhum vestígio do que se tornará o "leninismo", infectando o movimento operário com um pensamento que lhe é exterior, veiculado por elementos intelectuais desclassificados, difundindo na massa inculta a verdade revelada... Pelloutier teria incontestavelmente aplaudido as brilhantes críticas dessa corrupção intelectual do movimento operário formuladas pelo revolucionário polonês Jan Waclaw Makhaiski. Instruir para doutrinar? Para Pelloutier, a questão nem mesmo é colocada. Para além da contradição flagrante com os princípios libertários que ele defende, essa via é contradita pela realidade: a revolução diz respeito à situação, não à "convicção":

A ação a ser feita nesse sentido deve proscrever toda aparência de direção. Não temos apenas em vista preparar uma revolução que seja uma simples transmissão de poderes. Queremos habituar o proletariado a prescindir de governantes. Devemos, então, aconselhar, instruir, mas não dirigir. (Intervenção no Comitê Federal, 11 de outubro de 1895)

Não se trata, sobretudo, de refugiar-se atrás da passividade e da ignorância das massas, que Pelloutier não minimiza, decerto, mas sim, "elevá-las". Totalmente o oposto do

marxismo arrogante para quem só os pequeno-burgueses podem trazer a ciência aos operários. Gosto pelo esforço sobre si e confiança em suas próprias capacidades, eis o que deve produzir uma educação capaz de combater essa tendência natural das “massas” a se deixar conduzir e governar pelos “mestres”:

Porque, habituada a só pensar pelos outros, ela segue cegamente as inspirações de seus mestres. Refletir, isso fátiga: seus mandatários não estão lá para dizer-lhe o que é útil e o que é nocivo? (*L'Art Social*, agosto de 1896)

Se a exigência é forte e o veredito brutal, as causas da fraqueza intelectual do proletariado não são um segredo para ninguém. Pelloutier sabe que a miséria não é o adubo do saber; ele entende igualmente que as ocupações, os divertimentos concedidos às massas desviam-nas do esforço “da cultura de si mesmo”. Denunciando, na abertura de sua conferência “L'Art et la Révolte”, a arte “fácil” jogada como pasto ao povo, ele demonstra tão bem os mecanismos dessa manipulação ideológica quanto explica as razões que levam o operário esgotado a buscar reconforto e relaxamento em seus fúteis divertimentos. E vejam que ele ignorava tudo dos poderes hipnóticos do cinema e da televisão!

Uma vez desmascaradas todas essas instituições — Igrejas, Estados, Partidos — que se afirmam educadoras do povo, mas só devem sua sobrevivência à ignorância que elas alimentam, só resta, em fim de contas, para “instruir e revoltar”, essa organização orgulhosa e independente da qual se dotaram os explorados: o sindicato.



## Trabalho de sala de aula

Então, qual é essa escola que realizará simultaneamente a emancipação individual e a emancipação coletiva preparando a revolução nos espíritos antes de fazê-la eclodir nos fatos?

“Cultura de si mesmo”, “ciência de sua infelicidade”, “instrução”: é às vezes difícil discernir exatamente o que Pelloutier entende por “educação”, ainda mais porque, como já sublinhamos, para ele, toda prática individual ou coletiva, todo esforço para apropriar-se e transformar o real, trazem neles uma dimensão educativa. A título de exemplo, pode-se citar sua análise da experiência cooperativa das vidraçarias de Carmaux. Ele foi, por um tempo, membro do comitê de estudos para a edificação da vidraçaria operária de Carmaux. E ainda que esse movimento cooperativo torne-o desconfiado, ele assume a sua defesa, vendo ali “um campo de educação... no qual os vidraceiros possam fazer o aprendizado de seus interesses e da liberdade” (p. 110). Essa referência conduz-nos bem longe dos bancos de escola ou da imagem do mestre reclinado sobre o caderno do aluno. Assim, também, devemos, para compreender Pelloutier, renunciar a associar pedagogia e escola, educação e instituição escolar. É a J. Julliard que devemos essa pertinente síntese, quando resume o sindicalismo defendido por Pelloutier: sindicalismo, quer dizer, auto-organização dos trabalhadores; cooperação; educação. (*Fernand Pelloutier et les origines du syndicalisme d'action directe*)

A primeira precaução para ver isso mais claro é lembrar que Pelloutier não desenha uma pedagogia em intenção exclusiva das crianças — embora certos textos, como “O ensino

em sociedade libertária”, dediquem-se mais particularmente a esse aspecto de seu projeto educativo. Sua “escola” não se limita aos primeiros anos da vida (ele, contudo, convida a prolongar a idade de fim da escolaridade aos 20 anos) mas deve dar-se ao longo da vida. É para toda uma classe social que ele entende construir uma nova educação. Diferentemente de um Freinet, de um Sébastien Faure e de tantos pedagogos no sentido estrito do termo, Pelloutier interessa-se tanto pela “formação dos adultos” quanto pela educação dos mais jovens. Outras figuras do sindicalismo revolucionário abordarão de modo mais preciso o ensino praticado durante os primeiros anos da vida: Albert Thierry, em suas *Réflexions sur l'éducation*, ou ainda Émile Pouget e Émile Pataud, consagrando um capítulo de sua narrativa de “ficção sindicalista” (*Comment nous ferons la révolution*) ao funcionamento da escola durante e depois da última greve geral. Todavia, para Pelloutier, o aspecto estritamente escolar integra-se num conjunto muito mais vasto. Assim, não é a palavra “aluno” que encontramos em prioridade em seus escritos, mas, antes, a referência a um público mais amplo de indivíduos “a formar”. Encontrar-se-á, por exemplo, em Paulo Freire e sua “pedagogia dos oprimidos”, um eco a essa vontade “de instruir para revoltar” o conjunto dos explorados, quaisquer que sejam suas idades. Os proletários, no melhor dos casos, ignorados, no pior, adestrados, “descerebrados” pela escola, são o público a quem ele destina seu programa. Face à escola da classe dominante, trata-se de construir a escola dos explorados.

Utopia “operarista” de um movimento balbuciante seguro de sua força e de seu destino? A crer nos iniciadores da escola pública, a coisa não está tão longe de realizar-se, em

todo o caso, seus temores de ver um dia tais escolas formarem-se é bem real. O próprio Jules Ferry, ao defender na Câmara seu projeto de escola “universal”, não dissimula o perigo que poderiam constituir escolas do povo independentes de todo poder

abertas aos filhos de operários e camponeses onde se ensinam princípios diametralmente opostos [àqueles das escolas confessionais] inspirados, talvez, em um ideal socialista e comunista tomados emprestados de tempos mais recentes, por exemplo dessa época violenta e sinistra compreendida entre 18 de março e 24 de maio de 1871. (Citado por Pierre Badiou em “Voies directe/indirecte, pédagogie: des implications politiques”, *Les Actes de lecture*, nº 81, março de 2003)

E, sem se referir, inclusive, a essa inquietude da República burguesa, o que constata Pelloutier? Que as Bolsas, das quais ele é, na condição de secretário, o mais avisado dos observadores, começam a pôr em prática, com um certo sucesso, cursos destinados aos adultos. Esse primeiro passo deveria naturalmente provocar um segundo: a criação de escolas primárias ligadas às associações operárias. Parece que esse projeto, diferentemente dos cursos profissionais, nunca foi posto em prática, embora adotado muito amplamente em congresso. Esse contexto a guardar em memória lembra-nos que a educação exposta por Pelloutier é ao mesmo tempo bem real, já praticada em grande escala nos cursos organizados por inúmeras Bolsas espalhadas pelo território, e ainda em devir, como um horizonte a alcançar, uma exigência que o movimento sindical prometeu-se realizar. (Pelloutier fala em *Le Musée du Travail* da “necessidade de uma marcha constante rumo à inacessível perfeição.”)

## Bolsa e realização real da educação

### Uma escola do sindicato

Para Pelloutier, instruir é uma tarefa revolucionária, tanto quanto a constituição de sindicatos ou a criação das Bolsas:

A missão revolucionária do proletariado esclarecido é perseguir mais metódica e obstinadamente do que nunca a obra de educação moral, administrativa e técnica necessária para tornar viável uma sociedade de homens orgulhosos e livres. (Apelo para o 1º de maio de 1895)

Só o homem instruído pode ser livre e capaz de autogovernar-se, livrar-se de todas as opressões. A ação direta, motor e princípio constitutivo do sindicalismo revolucionário, necessita, para aqueles que a praticam, dessa cultura consolidada pelo estudo de si e de seu meio. Paralelamente, essa confiança crescente em suas próprias forças leva o militante a aprofundar seus saberes, desenvolver seus conhecimentos... Essa pedagogia "dialética" da ação direta abraça toda a atividade militante. Não apenas ela aperfeiçoa e ultrapassa o militantismo tradicional, a propaganda revolucionária verbal ou escrita, mas, em certa medida, ela pega seu contrapé. Para Pelloutier, a educação, fermento e finalidade da ação sindical, deve ser compreendida como a antítese da propaganda, "esses estéreis clamores revolucionários pelos quais ficam ofegantes os oradores de bistrô" (*Le Musée du Travail*). Ela só reconhece e se engaja na experiência concreta, na prática cotidiana, que a nutrem e inspiram. O despertar da consciência revolucionária entre os explorados não nascerá dos discursos.

sos inflamados, mas da ação, da observação e do desnudamento da exploração. Assim, para o operário, é o estudo da "ciência de sua infelicidade" que lhe dará as chaves da ciência de sua emancipação.

### Sindicato e educação

Em seu *Fernand Pelloutier et les origines du syndicalisme d'action directe*, Jacques Julliard propõe distinguir três orientações constitutivas da organização sindical. Essa tipologia nos permitirá concluir essa parte sobre o lugar da questão educativa na obra e o engajamento de Pelloutier resumindo seu percurso pessoal e suas tomadas de posição sobre o assunto.

Nível A – O sindicato como estrutura de organização e educação da fração mais consciente da classe operária, os sindicalizados;

Nível B – O sindicato como organização coletiva reivindicativa de combate que tende a representar os trabalhadores em seu conjunto (aderentes/não-aderentes), enquanto portavoz das aspirações coletivas;

Nível C – O sindicato como grupo ideológico que se quer um instrumento revolucionário de transformação social.

Ainda segundo Julliard, toda organização sindical age nesses três níveis mas os hierarquizando: a C.G.T. de antes de 1914 evolui de uma dominante C (aplicação da greve geral devendo resultar em uma nova sociedade) a uma dominante B (as greves parciais como ginástica revolucionária). Pelloutier vem ao sindicalismo por seu nível C (ótica revolucionária) e interessa-se por seu valor educativo (nível A). Ele vai, à medida de sua prática do sindicalismo, desenvolver o

## Bolsa e realização real da educação

### Uma escola do sindicato

Para Pelloutier, instruir é uma tarefa revolucionária, tanto quanto a constituição de sindicatos ou a criação das Bolsas:

A missão revolucionária do proletariado esclarecido é perseguir mais metódica e obstinadamente do que nunca a obra de educação moral, administrativa e técnica necessária para tornar viável uma sociedade de homens orgulhosos e livres. (Apelo para o 1º de maio de 1895)

Só o homem instruído pode ser livre e capaz de autogovernar-se, livrar-se de todas as opressões. A ação direta, motor e princípio constitutivo do sindicalismo revolucionário, necessita, para aqueles que a praticam, dessa cultura consolidada pelo estudo de si e de seu meio. Paralelamente, essa confiança crescente em suas próprias forças leva o militante a aprofundar seus saberes, desenvolver seus conhecimentos... Essa pedagogia "dialética" da ação direta abraça toda a atividade militante. Não apenas ela aperfeiçoa e ultrapassa o militantismo tradicional, a propaganda revolucionária verbal ou escrita, mas, em certa medida, ela pega seu contrapé. Para Pelloutier, a educação, fermento e finalidade da ação sindical, deve ser compreendida como a antítese da propaganda, "esses estéreis clamores revolucionários pelos quais ficam ofegantes os oradores de bistrô" (*Le Musée du Travail*). Ela só reconhece e se engaja na experiência concreta, na prática cotidiana, que a nutrem e inspiram. O despertar da consciência revolucionária entre os explorados não nascerá dos discursos

sos inflamados, mas da ação, da observação e do desnudamento da exploração. Assim, para o operário, é o estudo da “ciência de sua infelicidade” que lhe dará as chaves da ciência de sua emancipação.

### Sindicato e educação

Em seu *Fernand Pelloutier et les origines du syndicalisme d'action directe*, Jacques Julliard propõe distinguir três orientações constitutivas da organização sindical. Essa tipologia nos permitirá concluir essa parte sobre o lugar da questão educativa na obra e o engajamento de Pelloutier resumindo seu percurso pessoal e suas tomadas de posição sobre o assunto.

Nível A – O sindicato como estrutura de organização e educação da fração mais consciente da classe operária, os sindicalizados;

Nível B – O sindicato como organização coletiva reivindicativa de combate que tende a representar os trabalhadores em seu conjunto (aderentes/não-aderentes), enquanto portavoz das aspirações coletivas;

Nível C – O sindicato como grupo ideológico que se quer um instrumento revolucionário de transformação social.

Ainda segundo Julliard, toda organização sindical age nesses três níveis mas os hierarquizando: a C.G.T. de antes de 1914 evolui de uma dominante C (aplicação da greve geral devendo resultar em uma nova sociedade) a uma dominante B (as greves parciais como ginástica revolucionária). Pelloutier vem ao sindicalismo por seu nível C (ótica revolucionária) e interessa-se por seu valor educativo (nível A). Ele vai, à medida de sua prática do sindicalismo, desenvolver o

nível A em detrimento do nível C (o nível B nunca o interessou).

Lograr êxito na revolução não é fazer tábua rasa do passado, mas ter sabido preparar com muita antecedência as estruturas mentais e as novas instituições.

Percebe-se nessa citação o caminho percorrido por aquele que parecia tudo esperar da greve geral... Essa mudança de perspectiva, nutre por sua implicação crescente no funcionamento da federação das Bolsas, influencia tanto sua ação cotidiana e seus escritos quanto sua concepção global das tarefas do sindicalismo. A questão, então, é saber se essa orientação não corresponderia a um deslizamento para um certo reformismo evolucionista. Ou seja, a insistência evidenciada na questão da educação operária não marca um abandono progressivo da perspectiva revolucionária?

Lembremos, de início, que, contrariamente à visão social-reformista, Pelloutier não adere a uma concepção linear da evolução social. O trabalho educativo não precede a ação revolucionária, ele a acompanha e nutre-se dela. A ação e a reflexão estão imbricadas: da experiência nascem os princípios, que por sua vez reforçam as práticas. O sindicalismo revolucionário não aparece como uma teoria social abstrata, construída *a priori*, mas como um pensamento vivo que se regenera na ação: "Agir é sempre pensar; dizer, é fazer", afirmava Proudhon em *Confessions d'un révolutionnaire*. É, em todo o caso, a conclusão extraída por Pelloutier de sua apresentação histórica do movimento operário em *L'Histoire des Bourses*. O sindicalismo não nasceu de um cérebro iluminado, mas da necessidade crescente para o movimento de reforçar sua autonomia extraindo as lições de seus fracassos



e de suas divisões. Para voltar à sua teoria da revolução, as reticências que ele manifesta em relação a uma insurreição desencadeada prematuramente, ele as nutre com seu estudo da história das lutas sociais e de sua prática dessas mesmas lutas. Por sinal, à medida que sua experiência sindical fortalece-se, afirma-se sua rejeição às teorias conspiratórias blanquistas; e foi com constância que ele sempre condenou a esterilidade da propaganda pelo fato. A revolução é uma "situação" que não se pode decretar nem desencadear. Ela pode, em contrapartida, ser preparada. O papel da educação não é retardar esse momento, mas antecipá-lo, ao menos nos espíritos, dando-lhe as garantias do sucesso. O temor de Pellou-tier é que uma imaturidade demasiado grande não conduza a revolução futura a um fracasso:

Ninguém crê ou espera que a próxima revolução, por mais formidável que ela possa ser, realize o comunismo anárquico puro. Tendo em vista que ela eclodirá sem dúvida antes que esteja concluída a educação anarquista, os homens não estarão assaz maduros para poder absolutamente se organizar por si mesmos, e por muito tempo os caprichos sufocarão neles a voz da razão...

É a lucidez e não a resignação ou o abandono da perspectiva revolucionária que fala, tendo em vista que a elevadíssima opinião que ele tem da "cultura de si mesmo" convence-o de que, no estado atual da sociedade, só uma instrução incompleta, inacabada é concebível. Por sinal, se prosseguirmos a leitura de nossa citação até seu final, tudo indica que a esperança posta na revolução não seja vã, sob a condição de ver nesta última uma primeira etapa e não um fim em si:

Mas o estado transitório a suportar deve ser necessariamente, fatalmente a prisão coletivista? Não pode consistir numa organização libertária limitada exclusivamente às necessidades da produção e do consumo, todas as instituições tendo desaparecido? ("L'anarchisme et les syndicats ouvriers", *Les Temps Nouveaux*, 2 de novembro de 1895).

Pela força das coisas, educação e revolução não se sucedem no tempo, mas se superpõem num processo dinâmico e dialético (uma nutre a outra reciprocamente). A educação liberta o indivíduo das opressões ideológicas que o aprisionam e o retêm na resignação, tornando-o receptivo à urgência revolucionária. A revolução, quanto a ela, confirma e libera as potencialidades desveladas pela educação, abrindo ao mesmo tempo novos horizontes. Fim de chefes, fim de hierarquias, uma sociedade a reconstruir integralmente... Um desafio lançado ao homem, à sua sede de conhecimento de superação de si. Pelloutier aposta, portanto, num equilíbrio frágil entre a maturidade libertária das massas — inspirada nas conquistas da luta sindical e coletiva e no esforço individual para libertar-se das cadeias ideológicas — e uma formação intelectual, técnica, administrativa, inacabada. Resta um ponto cego da teoria de Pelloutier: o papel educativo da própria revolução, essa "aceleradora da história". O que os teóricos do conselhismo ou do espontaneísmo colocarão em evidência — à luz das experiências revolucionárias russas, alemãs ou italianas — parece escapar de Fernand Pelloutier.

Os homens, e sobretudo as multidões em movimento, não sofrem passivamente a eclosão revolucionária. O ímpeto coletivo, a dinâmica social que lançam os indivíduos "ao assalto do céu" são formidáveis momentos de efervescência educativa. Em algumas semanas, em alguns dias, às vezes,

uma consciência insuspeita revela-se e varre anos de doutrinamento e passividade. Isso é próprio das verdadeiras e grandes revoluções, como, em menor medida, da maioria dos movimentos sociais. Ignorando exemplos dos quais se servirão Rosa Luxemburgo e muitos outros, Pelloutier negligencia esse processo dinâmico em sua abordagem das relações educação/revolução.

Em contrapartida, se há um exemplo que ele tem todo o tempo para observar e meditar, é esse do entusiasmo, do frenesi que se apodera nos anos 1890-1900 da burguesia liberal inflamando-se pela educação popular. Para opor-se à influência do socialismo, os projetos multiplicam-se. Lado republicano, a União pela ação moral, cujo objetivo é “a pacificação social pelo acesso de todos à verdade, à reflexão, à ciência”; a União democrática pela educação social ou ainda a liga Michelet que se propõe, por meio da educação, a “favorecer o desenvolvimento da solidariedade nacional”. Mesmo frenesi entre os católicos, que se esforçam para pôr em prática as diretrizes da encíclica *Rerum Novarum* (defendendo um catolicismo social e a intervenção da Igreja nos meios operários) com *Justice Sociale* e *Le Sillon*. Enfim, os protestantes não ficam para trás com jornais como *Foi et vie* ou *L'Avant-Garde* e a criação das Casas do povo cristãs. Inspirado por cálculos políticos ou considerações religiosas, esse “movimento rumo ao povo” não fez senão reforçar a convicção da urgência de uma educação operária autônoma recusando todo compromisso de classe. Isso porque se consegue assaz facilmente desvelar as grandes diferenças entre uma educação “pacificadora” e uma educação emancipadora. Para os burgueses e outros apóstolos católicos ou protestantes que foram “evangelizar” o proletariado, trata-se, nem mais nem menos, de

disseminar a boa palavra, moderar os espíritos turbulentos e fixar uma elite operária. A grande reconciliação das classes, o afastamento do perigo revolucionário, eis as verdadeiras motivações que encontramos por trás desse movimento. O oposto da ação de Pelloutier, inteiramente devotado a um único objetivo: a revolução.

Não poderíamos, para concluir, sintetizar melhor a concepção do sindicalismo e do papel das Bolsas do Trabalho do que faz o próprio Pelloutier: essa ação, enfim, resume-se nessas duas tarefas “de organização e de educação” (*Les Syndicats en France*).

## **Rumo a uma pedagogia de ação direta**

Agora que estão traçadas as linhas diretrizes do pensamento educativo de Fernand Pelloutier, é hora de detalhar um pouco mais esse projeto pedagógico. Por meio do estudo dos princípios que o fundam, influências que o atravessam e métodos propostos, é possível esboçar os grandes contornos do que escolhemos chamar uma “pedagogia de ação direta”.

### **O ensino mútuo na origem de uma pedagogia sindicalista?**

Inimigo da autoridade, observador avisado da classe operária e de seus métodos “naturais” de aprendizagem (“compagnonnage”, imbricação etc.), Pelloutier não podia aceitar que um ensino emancipador satisfizesse-se com métodos arcaicos e autoritários. Convicto de que “a emancipação dos trabalhadores será a obra dos próprios trabalhadores”, ele vai buscar aplicar esse princípio no campo da educação. Mas como pôr em prática essa “pedagogia de ação direta”?

Precisemos, de início, o que se deve entender exatamente por esse conceito “de ação direta”. Conquanto a fórmula seja inspirada em Pelloutier, é de uma outra figura do sindicalismo revolucionário, Émile Pouget, que tomaremos emprestado a definição da ação direta, conceito tão amiúde aviltado ou caricaturizado.

[Esta] significa que a classe operária, em reação contra o meio atual, nada espera dos homens, das potências e das forças exteriores a ela, mas que ela cria suas próprias condições de luta e extrai de si mesmo os meios de ação. Ela significa que, contra a sociedade atual que só conhece o cidadão, ergue-se doravante o produtor. (Émile Pouget, *L'Action Directe*)

Mas como adaptar à educação, ao ensino, esse procedimento constitutivo da ação sindical revolucionária? Linhas de força destacam-se delas mesmas: essa educação deve emanar da própria classe operária, fora de toda ingerência exterior, extraíndo de si mesma seus próprios métodos, seus próprios objetivos e seus próprios conteúdos. Em resumo, trata-se de edificar uma escola que se erga orgulhosamente face às outras instituições escolares (religiosas, estatistas, "caritativas" etc.). Uma escola que se declara o adversário resolutivo da sociedade que ela tenciona derrubar ("a sociedade teme nossas escolas", dirá Francisco Ferrer). Enfim, à imagem da ação sindical na qual ela se inspira, essa educação repousa na convicção de que o sucesso do resultado perseguido está irremediavelmente ligado à escolha da abordagem utilizada.

Toda pedagogia é de início inspirada por um objetivo social, uma visão global do homem, da criança e de seu meio. Aqui, compreende-se, tratar-se-á em prioridade de acompanhar o indivíduo em sua educação em vez de inculcar-lhe "de cima" um saber pré-estabelecido. É ao "aprendiz" que convém fazer erigir seu saber e sua cultura, conduzindo-o a construí-los, construindo-se a si próprio. Autoconstrução do saber sugerido, já o dissemos, pela própria experiência de autodidata de seu inspirador. Em nenhum caso essa instrução, na qual abordagem pessoal de aprendizagem desempenha tão

grande papel, deve ser delegada a seus adversários, aos “inimigos de classe”. Mas na prática? Um “ideal” e alguns grandes princípios não bastam para fundar uma pedagogia. Eis por que Pelloutier, como muitos outros militantes operários, vai interessar-se pelas contribuições do ensino mútuo. Esse método de aprendizagem apresenta-se como um questionamento das duas grandes correntes pedagógicas tradicionais: o ensino individual e o ensino simultâneo. O primeiro, praticado pelos religiosos sob o Antigo Regime mas ainda vivaz até meados do século XIX, consiste, para um professor amiúde miserável, em ocupar-se individual e sucessivamente de seus alunos. A progressão é concebida como uma sucessão no tempo das aprendizagens (de início ler, depois escrever e, enfim, contar). Quando o mestre está com um aluno, os outros ocupam-se sozinhos ou... voltam trabalhar na oficina.

Com uma preocupação de rentabilidade e eficácia, esse método vai progressivamente ser suplantado pelo ensino simultâneo de Jean-Baptiste de La Salle e seus irmãos das escolas cristãs (vimos que Pelloutier freqüentou um de seus estabelecimentos em Paris). Nesse sistema, os alunos são reagrupados por “níveis”: “principiantes”, “intermediários” e “avançados”. O mestre dirige-se a todos os membros de um mesmo nível ao mesmo tempo. Essa organização necessita da instauração de locais precisos (sala de aula, escola etc.) enquanto o ensino individual podia ser praticado em qualquer local. Outras inovações tornadas necessárias: a presença de um pessoal especializado e formado, a utilização de material pedagógico e aplicação de uma progressão rigorosa e estandardizada etc. Compreende-se que esse método responda muito mais facilmente às necessidades urbanas, e ele acompanhará o desenvolvimento das cidades.

O terceiro modelo, aquele que retém a atenção de Pellou-  
tier, aparece sob a pressão das necessidades ligadas à indus-  
trialização, no início do século XIX. Muito logicamente, é na  
Inglaterra, país mais “avançado” industrialmente, que ele  
surge, sob o impulso de Lancaster. Os objetivos de seu inicia-  
dor são explícitos; ele próprio define seu procedimento como  
sendo um método “de uma boa relação qualidade-preço, per-  
mitindo otimizar o emprego de recursos limitados” (Lancas-  
ter, 1801). Esse ensino é dito “mútuo” visto que o mestre,  
encarregando-se de várias dezenas de alunos (em média  
150), divide-os em diferentes grupos enquadrados por alu-  
nos-monitores. O papel do professor consiste em “orquestrar”  
o trabalho desses alunos-monitores orientando sua ação  
junto aos outros alunos. A analogia com o funcionamento da  
fábrica e da oficina é evidente, bem como com a nova divisão  
do trabalho que aparece na indústria. Um método em perfeita  
adequação com o desenvolvimento da industrialização e do  
maquinismo. Todavia — e é o que interessa a seus observa-  
dores operários, bem mais que as “economias de escala” rea-  
lizadas — essa organização atribui aos próprios alunos um  
papel pedagógico e repousa sobre a colocação em comum dos  
conhecimentos a serviço de todos, sua “mutualização”. Os  
adversários desse método, em primeiro lugar os religiosos,  
não deixaram de denunciar seus perigos para a ordem esta-  
belecida:

É fácil sentir o quanto o método mútuo é vicioso, porque  
as crianças aprendem muito cedo a desconsiderar a autori-  
dade da idade, a só confiar no mérito que eles se persuadem  
ter. [...] Toda a moral que resulta de tal método reduz-se a  
isso: que o melhor dos governos é aquele em que só se obe-  
dece a seus iguais. Este é, evidentemente, um princípio repu-



blicano! (O vigário-geral da diocese de Amiens, *Nouveau traité des écoles primaires*, 1826 – citado por Michel Baraer em “Individuel, simultan , mutuel? Une petite histoire des modes d’enseignement   l’ cole primaire”, *Dialogue*, n  106)

Desde 1815, a burguesia liberal e os pensadores socialistas utópicos levam para a França esse sistema. O entusiasmo por essas experiências   crescente, mas o Estado, no momento de organizar “seu” ensino nacional (Lei Guizot), d  preferência   tradição e seu sistema de ensino simultâneo. A escola “burguesa” enfim se fundar  no molde de sua ancestral católica — bastará substituir um Deus por outro!

Esse método cooperativo, mutualista, descentralizado, antiautorit rio em seus princípios, só podia seduzir homens como Pelloutier, ao menos como fonte de inspiração. Outros se inspirar o nele, igualmente, como Freinet e suas aulas cooperativas. Mas o modelo inicial não pode ser transposto tal qual. Isso porque, além de seus aspectos caricaturais, essa pedagogia cheira demais a “socialismo utópico” para ser portadora de uma emancipação concreta. Deixa ela igualmente bastante espaço ao indivíduo? — deve perguntar-se Pelloutier, que sabe que nas sociedades modernas industriais o anonimato e a massificação mais esmagam o indivíduo do que o liberam. Para ele, que considera que o sindicalismo não é um coletivismo, o indivíduo prima no grupo, o sindicalismo é “uma aventura individual”. Diferentemente de muitos educadores, não é a massa que deve ser “adestrada”, a escola não tem nada a ver com fluxo a orientar, mas uma atitude pessoal, na qual o próprio indivíduo deve elevar-se, adquirir e forjar-se os instrumentos que lhe permitam emancipar-se. Desse ensino mútuo, Pelloutier ret m, então, os princípios de cooperação, de trocas de saberes e apoio mútuo. Avançando

uma pedagogia atenta antes de tudo aos indivíduos, ele afasta os aspectos que lembram a disciplina das manufaturas e a estandardização desmedida da transmissão dos conhecimentos, atento como é à individualidade de cada um. Ele toma, com efeito, muito cuidado, nas primeiras linhas de seu artigo, "L'enseignement en société libertaire", para precisar que o indivíduo está no centro do dispositivo:

A educação deve ser o modelamento arbitrário de todas as inteligências a um ensino idêntico? É necessário ao desenvolvimento intelectual que todo dia, na mesma hora, milhares de jovens traduzam o mesmo texto em latim ou grego, sob a vigilância de um mestre mais funcionário do que professor, quando tantos entre eles ocupar-se-iam de maneira mais útil da solução de um problema algébrico ou de uma construção mecânica, se a estabilidade do mestre lhe tivesse permitido estudar há muito tempo as aptidões de cada um de seus alunos?

Sem se apresentar como especialista das questões cognitivas, Pelloutier interroga-se quanto à eficácia de um ensino repousando exclusivamente sobre a memória:

Em matéria de ensino, estamos penetrados por essa idéia de que a multiplicidade dos conhecimentos exigidos pelos programas oficiais, em vez de interessar os cérebros a abrirem-se, desencoraja-os e fecha-os, e só exerce a memória. Mas a memória não é, de todas as faculdades humanas, aquela que demanda mais amíúde exercício? Que ela cesse de funcionar durante um ano, durante seis meses, e o número de coisas que ela deixará fugir será prodigioso. Ora, o que acontece, com efeito, com o jovem tão logo ele se encontra em luta com as realidades da existência? Que, surpreendido pelas

exigências econômicas, absorvido por uma ocupação especial, esquece muito rápido os conhecimentos estranhos, numerosos mas mal digeridos, que ele adquirira por todos os tipos de artifícios imensas técnicas. Se, desde logo, sua ocupação atual vem a faltar-lhe e que precise buscar em sua memória os elementos de uma nova ocupação, ele constatará, provavelmente sem surpresa, que não sabe mais nada.

O método que ele propõe cuidará, ao contrário, de desenvolver a compreensão dos fenômenos a partir da observação dos fatos e por tateamento. Pelloutier refere-se a P. Denis, que ele cita abundantemente nesse artigo (faz referência a ele igualmente em sua obra *L'Histoire des Bourses*):

Trata-se simplesmente de ensinar-lhe a observar, investigar, pesquisar e descobrir, dando-lhe as primeiras noções indispensáveis, e que se reduzem em definitivo a um pequeno número.

Difícil ir muito mais longe na descrição dos métodos de ensino pregados por Pelloutier sem extrapolar de modo aventuroso sobre seus escritos. Pelloutier não se declara “pedagogo”; ele testemunha sua confiança nos professores para bem conduzir essa educação. Já o dissemos, não é a organização da aula, do espaço escolar, que retêm em primeiro lugar sua atenção. Pelloutier concebe de uma maneira completamente diferente a escola sindical que ele entende promover. É em sua descrição do Museu do Trabalho, estudado mais adiante, que aprenderemos mais sobre suas intuições pedagógicas.

## **Um trabalho de classe na aula ou a colocação em prática de uma pedagogia de ação direta**

Pois tudo está aí. Desvelar as mentiras sociais, dizer como e por que foram criadas as religiões, imaginado o culto patriótico, construída a família sobre o modelo do governo, inspirada a necessidade do mestre... (*L'Art et la Révolte*)

Finalidade social, método, projeto... ainda é preciso definir um conteúdo para concluir a descrição dessa “pedagogia de ação direta”. Na seqüência dos pensadores e práticos libertários que se voltaram para essa questão, Pellouier declara-se a favor de um ensino “integral”, assim definido por ele:

É preciso que a instrução seja integral, quer dizer, em vez de dar às crianças noções necessariamente incompletas, ainda que demasiado guarnecidas, sobre tal ou qual ramo dos conhecimentos humanos, ela fornecer-lhes-á o meio de estudá-las todas. [...] Para P. Denis, assim como para nós, o ensino integral não é a extensão nem do ensino primário, nem do ensino secundário. [...] É outra coisa, diz ele. Se eu não temesse fazer um paradoxo, diria que é o contrário. É um outro método. E esse método consiste em fazer preceder às noções teóricas a prática, a só entrar nos detalhes quando se tem uma visão aproximadamente completa de conjunto, e de como ir do simples ao composto. (*L'enseignement en société libertaire*)

Entretanto, no coração dessa perspectiva enciclopédica, prioridades aparecem ao sindicalista. Para o operário, o

conteúdo da educação deve responder às suas necessidades, e estas são uma evidência; Pelloutier denomina-as “a ciência de sua infelicidade”:

[...] o que falta ao operário francês... é conhecer as causas de sua servidão, é poder discernir contra quem devem ser dirigidos esses golpes.

Em primeiro lugar, ler e escrever, primeiras armas para combater a ignorância e lutar contra a desqualificação. Em seguida, a história, pois a infelicidade do operário é uma infelicidade “histórica”, homem do instante, seu movimento prova mui amiúde que ele não sabe extrair lições do passado. A “ciência de sua infelicidade” deve tornar-se a ciência de sua emancipação. *L'Histoire des Bourses* abre-se, assim, por quatro capítulos (sobre os oito que a obra comporta) retrazendo a gênese do movimento revolucionário operário. Mas essa história a transmitir é também a do presente. É ela que inspirará, amanhã, os militantes. Pelloutier dedica-se a descrevê-la, privilegiando a forma da monografia (estudo sobre um ponto especial de história, de ciência, sobre um personagem, uma região etc.). E esse historiador do presente pensa ter encontrado sua escola, sua sala de aula, no Museu do Trabalho. Esse projeto, se ele não é uma invenção de Pelloutier, adquire, contudo, por intermédio dele, toda a sua força educativa e seu potencial revolucionário:

É preciso oferecer ao povo o meio de ele próprio extrair os fenômenos sociais e, desses fenômenos, toda a sua significação. E, para isso, pôr-lhe sob os olhos o que é a própria matéria da ciência social: os produtos e sua história. (Artigo de *L'Ouvrier des deux mondes*)

Conforme dissemos, Pelloutier não se dirige a alunos numa sala de aula, mas a uma classe social. Sua pedagogia deve aplicar-se tanto aos adultos quanto às crianças; não que se trate de “infantilizar” o proletariado, ao contrário, convém elevá-lo, em todos os sentidos do termo. O objetivo desse museu é simples: expor aos olhos de todos a história e a organização do trabalho, da extração das matérias-primas à venda dos produtos manufaturados, com números de produção, preço de custo e valor da mais-valia extraída da exploração do trabalho como prova. O resultado para Pelloutier não daria margem a qualquer dúvida:

Essas lições silenciosas não seriam mais eloqüentes do que os estéreis e fatigantes clamores revolucionários dos oradores de bistrô? [...] Que se imagine o efeito de tal lição de coisas, a intensidade de agitação, a extraordinária crise que determinaria ao mesmo tempo entre todos os trabalhadores, a convicção de que o mal social é em toda a parte o mesmo, e que, o que quer que se faça, ele não cessa de agravar-se! (“Le Musée du Travail”)

Essa educação constrói-se no real, não nos livros. (Pelloutier extrai a lição dos fracassos dos jornais operários lançados sem qualquer sucesso?) Além disso, será uma auto-educação, pois serão os próprios operários que realizarão esse museu! Em todo o caso, o projeto parece em fase com as expectativas dos militantes operários que o adotarão por unanimidade menos um voto durante o congresso das Bolsas do Trabalho, em Paris, em 1900, após distribuição do artigo redigido por Pelloutier.

É necessário completar essa “história social”, enfim reconciliada com aqueles que a vivem e suportam, pelo estudo

da ciência econômica, ou melhor, da “economia social” tal como se pode vê-la no Museu do Trabalho onde

a monografia afixada a cada objeto seja a mais completa e a mais eloqüente lição de socialismo e de revolução. (“Le Musée du Travail”)

Trata-se:

de instruir o povo quanto à inutilidade das reformas parciais e, em seguida, à necessidade da revolução. (Intervenção no Comitê federal das Bolsas do Trabalho, 8 de maio de 1896)

Processo em concordância com essa determinação do movimento sindical de esboçar desde já a estrutura da futura sociedade (segundo os desejos da Carta de Amiens, adotada alguns anos depois), e, assim, acumular estatísticas, números e gráficos sobre a produção, o consumo, a circulação dos bens, do dinheiro etc. É o programa de *L'Ouvrier des deux mondes*, a revista de Pelloutier, em seguida, da Federação das Bolsas. Lógica, pois, na ótica revolucionária, essa necessidade de decifrar os mecanismos de sua exploração. Pelloutier conclui observando que “A instrução econômica... foi apenas esboçada” (*Conjectures sur l'avenir des Bourses*). Vasta tarefa, tornada ainda mais árdua pela falta de interesse da classe operária pelo estudo... Sentimos despontar uma sincera amargura no balanço que faz Pelloutier do fracasso de sua revista *L'Ouvrier des deux mondes*:

Se eles tivessem consentido em ler a única revista que precisamente lhes pertence. Mas se degustam pouco as leituras sérias na França, tão profunda é a preguiça de espírito nacional, e aqueles mesmos que aconselham a multidão e

que lhe recomendam o estudo e a reflexão para a liberação econômica, são os primeiros a desdenhar de todo esforço intelectual; eles crêm pensar porque falam, e estimam-se muito fortes porque se lhes acontece descobrirem inépcias no *Petit Journal* — seu jornal de cabeceira.

Nesse ensino operário, destinado a operários, segundo a definição emprestada de E. Petit, um amplo espaço é evidentemente concedido ao ensino profissional para lutar contra a desqualificação que ameaça o trabalhador. O objetivo dessa instrução é tornar a dar-lhe o controle de sua atividade cotidiana “contra a tendência dominante na indústria moderna de fazer da criança um trabalhador manual, um acessório inconsciente da máquina, em vez de fazer desse trabalhador um colaborador inteligente”. Esse ensino, realmente posto em prática, e com sucesso, singulariza-se nos cursos das Bolsas por sua recusa de apresentar-se unicamente como um ensino “técnico” e também abordar uma reflexão “teórica e crítica” sobre o ofício, sua organização e suas finalidades:

Existem museus de arte e ofícios que, mais freqüentados, seriam admiráveis estabelecimentos de ensino tecnológicos; não apenas do ponto de vista especial a cada categoria de trabalhadores, mas do ponto de vista geral, o operário não deveria restringir-se ao estudo das descobertas científicas ou mecânicas que interessam unicamente sua profissão, mas deveria abarcar o conjunto dos conhecimentos, observar os laços que os unem, adquirir a faculdade de generalização, só ela capaz de coordenar os inumeráveis esforços individuais. (“Le Musée du Travail”)

Longe de ser puramente utilitária, desenvolvendo no operário só o que organiza seu cotidiano ou seus combates,



essa educação está aberta para a cultura. É com um certo orgulho que Pelloutier faz o inventário dos cursos dispensados nas Bolsas (*L'Histoire des Bourses*). As disciplinas abordadas abraçam o conjunto dos conhecimentos humanos:

[...] desenho, ciências matemáticas e físicas, tecnologia, línguas vivas, lingüística; nada do que completa o homem é ali esquecido, nada do que faz a vida intelectual e moral é ali omitido. ("L'enseignement dans les Bourses")

Politécnica, concreta e crítica, essa educação "sindicalista", que deve prolongar-se ao longo da vida, não propõe certamente um ensino "de liquidação". A cultura "tradicional" encontra nela um amplo espaço, todavia, não mais por razões de seleção ou de dominação ideológica. Vimos que, para Pelloutier, saído da escola sem "qualificação", a educação constrói-se em primeiro lugar na confrontação com o real, não na freqüentação dos livros. Entretanto, ele não negligencia a cultura livresca, como testemunha essa citação relativa às obras presentes nas bibliotecas das Bolsas:

Como de instinto, as Bolsas foram às obras mais apropriadas a depurar o gosto, elevar os sentimentos, ampliar os conhecimentos da classe operária. [...] Assim, encontramos em seus catálogos, ao lado de uma seção tecnológica composta dos tratados mais recentes e mais reputados, e a par das descobertas científicas e profissionais feitas a cada dia pelo físico, pelo químico e pelo engenheiro, os mestres da economia política, de Adam Smith a Marx; a literatura, dos prosadores e poetas dos séculos XVII e XVIII a Émile Zola e Anatole France; a crítica e as sínteses sociais, de Saint-Simon a Kropotkin; as ciências naturais, de Haeckel e Darwin aos [irmãos] Reclus e aos mais eminentes entre os antropólogos contemporâneos. ("L'enseignement dans les Bourses")

Em *L'enseignement en société libertaire*, Pelloutier abre seu "programa" de educação, que comporta quatro pontos, pela definição do conteúdo: "É preciso que a instrução seja integral", isto é, que ela dote a criança de todos os instrumentos capazes de permitir-lhe apreender o conjunto dos conhecimentos humanos. Objetivo tão vasto quanto concreto, porquanto Pelloutier completa o que ele entende por isso:

O ensino deveria, então, ter por objetivo: 1º exercer o espírito em vez da memória, levando-se em conta a fraqueza cerebral da criança; 2º inculcar unicamente, mas a fundo, o rudimento, o mecanismo de todos os conhecimentos, de modo que o jovem, em vez de sair do colégio um especialista, na maioria das vezes impedido de utilizar seus conhecimentos particulares, tivesse a chave de todas as ciências...

Essa reflexão prolonga-se por uma nova referência a P. Denis da qual Pelloutier faz suas as palavras:

O ensino integral não é a extensão nem do ensino primário, nem do ensino secundário. [...] É outra coisa [...]. Se eu não temesse fazer um paradoxo, diria que é o contrário. É um outro método. [...] Além disso, esse método, que se propõe unicamente por objetivo fornecer aos indivíduos o meio de adquirir conhecimentos e utilizá-los segundo suas aptidões, não se preocupa de maneira alguma com concursos, classificações e diplomas.

Ao final dessa viagem ao coração do projeto educativo de Pelloutier — cuja característica original é apoiar-se sobre as realizações concretas das Bolsas e sobre perspectivas mais distantes —, alguns se surpreenderão com as poucas referências ao papel e ao espaço dos "educadores". "Autogestio-

nário" *avant la lettre*, Pelloutier imagina verdadeiramente uma escola funcionando segundo os princípios de solidariedade, cooperação e apoio mútuo. Uma "auto-educação" na qual os "mestres" terão uma função bem diferente daquela que lhes atribui a escola tradicional. O sindicato, a Bolsa, desempenham, provavelmente, um papel central, mutualizando os saberes, os conhecimentos e sua difusão. No entanto, os professores não estão totalmente ausentes. No momento em que Pelloutier milita no movimento operário, estes ainda não se juntaram aos sindicatos. Mas é na condição de sindicalista que ele aborda seu estatuto, examinando suas condições de trabalho, denunciando o arbítrio que reina no seio da administração e a precariedade dos professores e professoras:

É preciso que os educadores sejam subtraídos das preocupações com a progressão, que faz com que sua solicitude limite-se aos alunos mais bem dotados, e que só a vontade deles afaste-os de um estabelecimento.

Como sempre em Pelloutier, a *démarche* reivindicativa, sindical, é reforçada por uma perspectiva pedagógica: é para bem conduzir sua tarefa de educação que os educadores devem estar libertos da tutela hierárquica.

### Na escola das Bolsas

Por duas vezes Pelloutier não hesita em justapor aos termos Bolsas do Trabalho a palavra "escola". Definindo-os ora como uma "escola de economia social" ("*Méthode pour la création et le fonctionnement des Bourses du Travail*"), ora como "uma escola de solidariedades agentes", apropria-se

igualmente da fórmula (que ele reproduz duas vezes) de E. Petit: “[As Bolsas] tornam-se as universidades do operário”.

É hora de voltar ao papel e à função dessas criações originais do movimento operário francês, do qual Pelloutier foi o grande promotor. O que são essas Bolsas?

A Bolsa do Trabalho é simultaneamente um centro de resistência à opressão capitalista e o núcleo dessa sociedade eqüitativa, cuja implementação todos nós nos esforçamos para realizar. A Bolsa, ao aproximar as diversas corporações, habituando-as a discutir em comum as questões que as interessam, mostra-lhes que em todas as manifestações da vida social, na oficina bem como no lar, os males dos quais elas sofrem são semelhantes e que semelhantes devem ser os meios para obter uma condição mais suportável. Por aí se desenvolve esse sentimento de solidariedade ao qual o proletariado deverá sua emancipação. (Apelo de 15 de março de 1895 da Federação nacional das Bolsas do Trabalho às uniões de ofícios e de sindicatos, publicado em *La Petite République* de 26 de março de 1895, assinado Pelloutier e Rieul Cordier)

Esses símbolos palpáveis da autonomia operária, esses edifícios de pedra materializando a potência e a autonomia dos trabalhadores, consagram, segundo Pelloutier, a síntese do sindicalismo. Após as derrotas das greves simbólicas do 1º de Maio que se sucederam a 1890, os militantes sindicais, segundo ele, têm duas tarefas a realizar: “organização e educação” (“Les syndicats en France”). Quando ele apresenta seu papel, o autor de *L'Histoire des Bourses* põe sua ação educativa em segundo lugar. Mais que os sindicatos profissionais, as Bolsas são esse “instrumento total de luta, da organização até a revolução, passando pela educação operária” segundo a expressão de J. Julliard. São elas que teste-

munham a conquista da autonomia do proletariado, sob a condição de transformar esses locais de defesa e resistência em posto avançado de um combate ofensivo. Sob a condição ainda de saber forjar-se as armas que fizeram até ali falta à classe operária. Tarefa complementar, e não redundante, daquela dos sindicatos. Por sinal, nos numerosos debates e polêmicas que alimentaram a fusão das Bolsas com a C.G.T., para Pelloutier, a repartição dos papéis era clara: de um lado, a C.G.T., assumindo a ação reivindicativa, do outro, as Bolsas, aplicadas a organizar e sobretudo educar o operário nos campos morais, profissionais e revolucionários. Uma função, aquela da pedagogia de ação direta, que não se limita ao período pré-revolucionário mas o ultrapassa igualmente:

Permanecemos convencidos de que se deve temer as revoltas prematuras. Participemos delas; mas não cessemos de trabalhar para a instrução popular, de tal sorte que, eclodindo apenas no dia em que ela será feita nos cérebros, a revolução social libere-nos definitivamente da autoridade e da exploração e não nos deixa mais que a tarefa de melhorar sempre as condições de nossa existência. (Conclusão de "Le Musée du Travail").

Uma obra a redescobrir e a perseguir para enfim se aproximar desses homens "orgulhosos e livres" que Pelloutier desejava ver...

### **Conclusão: por que Pelloutier hoje?**

Ao fim dessa apresentação da reflexão de Pelloutier sobre a educação, esperamos que o leitor esteja tão seduzido quanto frustrado pela originalidade desse pensamento. Ini-

cialmente seduzido por uma abordagem moderna, resolutamente hostil à escola do Estado, e que tenciona restituir ao pensamento pedagógico toda a sua dimensão social. Pelloutier é daqueles que consignam o esforço coletivo da classe operária rumo a uma instrução integral no âmbito mais global da luta por uma sociedade livre, igualitária e emancipadora. Seduzido, como não sê-lo igualmente, por esse pensamento no qual já se esboçam inúmeros temas recuperados mais tarde pelos "continuadores" (Ferrer, Freinet, Freire etc.). Cooperação, apoio mútuo etc., mas sobretudo vontade de inscrever a pedagogia numa dinâmica social e coletiva para construir uma escola a serviço do povo e não mais dos dominantes.

Mas a frustração também se faz presente ante essa análise interrompida pela morte prematura de seu inspirador. Pelloutier desaparece antes de ter podido realmente dialogar com aqueles que continuaram sua tarefa, em particular os professores sindicalistas revolucionários que ingressaram alguns anos depois na C.G.T. Sem dúvida alguma seu pensamento ter-se-ia nutrido e enriquecido do aporte dessas práticas revolucionárias no próprio coração da escola pública. Ele teria incontestavelmente extraído muitos ensinamentos das contradições desse sindicalismo implantado no seio de uma das engrenagens essenciais da opressão estatista. Ele também teria, não duvidemos disso, acompanhado esses trabalhadores da educação em seu combate pelo advento de uma pedagogia de ação direta...

O homem livre não é aquele que se preocupa em saber em que limites deve agir, mas aquele que se põe fora das leis, por mais liberais que elas possam ser, esperando conseguir destruí-las.

Na abertura deste texto fizemos questão de ressaltar esse paradoxo consistindo em querer lançar luz nos debates atuais em torno da escola por meio da reflexão de um militante sindicalista, nem mesmo pedagogo, do final do século XIX, hoje amplamente caído no esquecimento.

Iniciativa aventurosa e incerta, seguramente. Sobretudo se nós nos recusamos a nos deixar encerrar entre o risco de projetar retrospectivamente nossas posições e nossas experiências atuais sobre um pensamento "centenário", e o perigo de cristalizar a pedagogia na nostalgia e no culto estéril da lembrança.

Entretanto, por mais perigosa que ela seja, essa iniciativa é bem amiúde aquela seguida por esses autores que entendem abordar a questão escolar em busca de "novos" ideais inspirados nos "profetas" do passado. Jornalistas, pesquisadores, militantes, não cessam de retornar "às fontes", desorientados pela crise que atravessa o nosso sistema educativo. Lá, os nostálgicos de uma escola republicana "ideal" evocam a figura de Condorcet, esperando descobrir o segredo de uma escola de Estado igualitária numa sociedade desigualitária. Aqui, são os partidários de uma esquerda sindical, órfã de suas referências, que se inspiram em Jaurès para definir uma escola pública gratuita, obrigatória, laica e... social. Em sua defesa, reconheçamos que o culto consagrado à escola de Jules Ferry está comprometido. E para aqueles que ainda querem crer num possível serviço público de Estado, é preciso agarrar-se a outros galhos menos podres para tentar emancipar a escola sem emancipar a sociedade...

A tomada de consciência de uma ameaça liberal pesando sobre a escola pública não é, por sinal, estranha a essas *démarches*. E o exercício que consiste em denunciar um futuro

obscurecido que defende o sistema atual é às vezes muito pouco convincente... Combater as derivas da escola sem tocar nos fundamentos do sistema é ir ao encontro de muitas decepções.

Quanto a nós, nosso projeto não se inscreve nem no fundo, certamente, nem na forma, nesse processo de invocação dos "heróis" do passado. Precisemos que não se trata de nos colocarmos sob a tutela benevolente, paternal e tranqüilizadora de um "grande ancestral" para legitimar nossas proposições para a escola.

De início, porque o movimento social que invocamos tem muitas outras referências, tão ricas e fundamentais: pensadores e experimentadores libertários do século XIX aos educadores do século XX, de Ferrer aos pedagogos autogestivos, passando por Freinet e as correntes da nova pedagogia...

Em seguida, porque Pelloutier interessa-nos pelo que ele sintetiza mais do que pelo que inventa, um pensamento original e, portanto, significativo na história da educação. Esta voz, hoje sufocada nos debates sobre a escola, é aquela que lembra que educação e revolução são indissociáveis. Que a sociedade capitalista, hoje assim como ontem, não está em medida de oferecer essa educação emancipadora, e que não há, pois, grande coisa a esperar de seu sistema de ensino: não há revolução pedagógica sem revolução social, não há revolução social sem revolução pedagógica.

Todavia, o que havia descoberto o movimento sindical da época de Pelloutier, inspirado por sua prática cotidiana da luta de classes, por sua experiência coletiva paciente e encarnizada, é que um "outro futuro" constrói-se aqui e agora. A salvação só vem das realizações das quais se dotam aqueles



que querem liberar-se. Orgulhosos de sua independência e de sua autonomia, ávidos para construir um mundo deles próprios, esses militantes obstinaram-se para construir uma escola enfim liberada das tutelas religiosas, estatistas e econômicas.

O que resta hoje desses projetos? Qual movimento ainda reivindica uma crítica da escola da República? Quem atualmente ousa pensar outras formas de serviços públicos diferentes daqueles dirigidos e controlados pelo Estado?

Se, para além das décadas, Pelloutier ainda tem algo a nos transmitir, é essa "bússola" social que pode ajudar-nos a conservar o norte, na reflexão e na ação. O que reter de seus escritos? Qual é a atualidade desse pensamento radical?

Em primeiro lugar, a crítica arraçoada dessa escola de Estado falsamente igualitária. Uma crítica que deve ser conduzida tanto fora da instituição quanto em seu seio. É dessa crítica, nutrida por experiências cotidianas de resistência e experimentação no próprio coração da escola, que emergirá um novo projeto coletivo mobilizador. A ação sindical, tal como a entendia Pelloutier, quer dizer, tão atenta às apostas sociais quanto à defesa dos interesses morais e materiais, ainda tem um papel central a desempenhar nessa transformação da escola.

Em seguida — e é certamente aí que Pelloutier dá provas da maior clarividência em matéria pedagógica —, é a idéia de que toda prática educativa está inscrita num projeto social mais geral. É sobre esse ponto central que Pelloutier reencontra os resultados dos trabalhos mais recentes em matéria de análise das desigualdades sociais na escola. Hoje, a pesquisa pedagógica considera que, face às desigualdades escolares, o debate não deva se dar tanto sobre a oposição pedagogia

"inovadora"/pedagogia "tradicional", mas sobre a emergência de uma pedagogia socialmente crítica, integrando uma análise social das condições de ensinos, só ela capaz de limitar a função reprodutora da escola de classe e aproximar-se do que poderia ser uma escola emancipadora.

Enfim, e visto que Pelloutier nunca confinou sua reflexão pedagógica unicamente no terreno escolar, a reconstrução de um movimento social autônomo passa igualmente pela aplicação de estruturas educativas que lhe sejam próprias. Que elas reativem as antigas Bolsas do Trabalho tão caras a Pelloutier e hoje esvaziadas de seu potencial emancipador ou que elas tomem emprestado outros nomes (como as Maisons des Ensembles,\* efêmeras experiências em meados dos anos 90), a aplicação de tais estruturas parece uma das tarefas essenciais para o movimento sindical de hoje. Ao escrever estas linhas, alguns meses depois do movimento de greve que atravessou o mundo da educação, pensamos forçosamente na necessidade de reconstruir esses laços, essas redes e esses reflexos coletivos que fizeram tanta falta aos grevistas e que explicam em parte a severa derrota que conhecemos. E, a despeito dos recuos do movimento social, existem razões para ter esperança. A evolução das práticas militantes nestes últimos anos é certamente uma advertência. Confirmam isso a sede de cultura, os esforços para compreender, analisar e desmontar os discursos dominantes, a

---

\* Foi criada em 15 de dezembro de 1996, na Bolsa do Trabalho. Segundo a própria organização, "até 1999 foi um local de luta e encontro popular, solidário, social, cultural, cidadão. Esteve no coração das mobilizações contra o desemprego, do nascimento da mídia alternativa, e pôs em prática universidades populares."

crítica da mídia ou dos experimentados lacaios do liberalismo. Esses novos comportamentos modelam, por sinal, a face das mobilizações. Para contrabalançar as manipulações do poder, já não são suficientes unicamente as palavras de ordem, impostas de cima pelas estruturas coletivas tradicionais (sindicatos, associações, partidos). E a necessidade de um real trabalho pedagógico para reconquistar o terreno perdido ante o pensamento único surge de uma gritante atualidade. Se uma de nossas tarefas de educador é contribuir, no interior de nossas classes, para adotar o maior número dos instrumentos para transformar a sociedade, sabemos igualmente que isso não poderia bastar. Tocamos aí, certamente, numa das explicações do sucesso de Attac em certos meios sociais — bem pouco populares, é verdade... Essa atitude de explicação, de confrontação com os diversos discursos que atravessam a sociedade, essa vontade de instaurar espaços de trocas e debates, difundir textos de reflexão confrontando pontos de vista militantes, experiências de campo e análise “experimentada” reconcilia-se sem contestação (mas com muitos limites!) com o esforço educativo do movimento sindical original. Outros signos revelam essa mutação: citemos a abordagem de Bourdieu e de seus colaboradores desde o movimento de dezembro de 1995, ou, então, a criação de uma universidade popular em Caen pelo filósofo libertário Michel Onfray. Nesse vasto movimento de reapropriação do saber, nesse processo educativo fora do campo escolar, aí ainda o pensamento e a experiência de Pelloutier são-nos preciosas. Em particular sua crítica e sua desconfiança em relação a todo saber importado, a toda educação estranha aos explorados. Como ele escrevia em sua obra *L'Histoire des Bourses*, é de “escola do operário” e não de “escola para o operário” que

necessitamos. Nuance fundamental para ele, promotor da ação direta em sindicalismo bem como em pedagogia, nuance igualmente decisiva para nós, defensores da autonomia do movimento social e da auto-emancipação d(o/a)s explorad(o/a)s. Como dizia o secretário das Bolsas, o que nos separa para sempre daqueles que entendem condicionar a emancipação à delegação de poder, aos acomodamentos, aos arranjos, aos modos midiáticos é, ainda hoje,

[essa revolta] de todas as horas, dos homens realmente sem deus, sem amo e sem pátria, dos inimigos irreconciliáveis de todo despotismo — moral ou material, individual ou coletivo, quer dizer, leis e ditaduras (inclusive a do proletariado) — e dos amantes apaixonados pela cultura de si mesmo

para alcançar esse objetivo que não tolera qualquer compromisso: “Instruir para revoltar”.

PELLOUTIER E A EDUCAÇÃO

*Antologia*

# PELLOUTIER E A EDUCAÇÃO

## Antologia

### Excerto do Prefácio de G. Sorel

A experiência mostrou que a educação artística, científica e literária do povo poderia ser utilmente dirigida pelas Bolsas; em um sólido estudo, *Les Universités Populaires*, Charles Guieysse estima que elas só podem lograr êxito se os conferencistas não buscarem erigir-se como mestres; é preciso que eles se ponham à disposição de seu auditório para tratar dos assuntos dos quais este sente necessidade:

As U.P.<sup>1</sup> fundadas por Bolsas do Trabalho, sindicatos, que o autoritarismo político não atingiu, são as melhores.

Esse ensino tem uma relação tão distante com os interesses de partido que se pode encontrar em toda parte homens de boa vontade para fornecê-lo de uma maneira muito satisfatória; mas a Universidade e a Igreja rivalizam para

---

<sup>1</sup> Segundo *Cahier de la quinzaine* (3<sup>a</sup> série), p. 30: conferir pp. 42-44 e p. 60.

transformar as questões históricas e filosóficas em matérias de propaganda; assim, muitos socialistas viram com algum temor os professores do Estado manifestar interesse em ensinar o povo. No congresso das Bolsas, realizado em 1900, em Paris, chegou-se, inclusive, a emitir a opinião de que se deveria criar um ensino primário para os filhos dos sindicalizados, de modo a subtraí-los da influência dos manuais cívicos oficiais.<sup>2</sup>

Nesse mesmo congresso, decidiu-se estabelecer relações continuadas entre as Bolsas e os jovens operários conscritos. O caso Dreyfus tornou o exército meio louco; inebriados pelos testemunhos de admiração que lhes prodigalizavam as pessoas “de bem”, os oficiais tornaram-se tão ridículos que é agora muito fácil mostrar aos soldados o que valem as forças do ensino cívico. Quando os trabalhadores aprenderam a ver e reconheceram o que se esconde de vilanias, amiúde imundícies, por trás das máscaras até aquele momento veneradas, o serviço militar cessa de ser uma escola de docilidade, para transformar-se em escola de revolta; e produz-se uma revolta contra todo o conjunto das classes dirigentes. Nada pode ter mais influência sobre a propaganda do socialismo do que essa educação do soldado nas Bolsas: os revolucionários encontrarão ali um amplo campo para exercer sua iniciativa.

---

<sup>2</sup> Na brochura *Comment l'État enseigne la morale (Les Temps Nouveaux)*, encontramos “encantadores” exemplos desse ensino. Ver notadamente (p. 149) um canto de guerra atribuído ao célebre professor Lavissee:

“Vamos perfurar-lhes as entranhas  
Rantan, rantan plan, tirelire,  
Vamos perfurar-lhes as entranhas,  
Vamos rir.”

Qualquer que seja, por sinal, o tipo de atividade que se considere, rapidamente se dará conta de que, em quase todas as nossas cidades, as Bolsas podem se tornar facilmente administrações da Comuna operária em formação, e dirigir<sup>3</sup> “a obra de educação moral, administrativa e técnica, necessária para tornar viável uma sociedade de homens livres”.

---

<sup>3</sup> F. Pelloutier, *Le Congrès général du Parti socialiste*, p. VIII.



## A obra das Bolsas do Trabalho

Os serviços criados pelas Bolsas do Trabalho podem dividir-se em quatro classes:

1ª *O serviço da mutualidade*, que compreende a obtenção de emprego, os auxílios de desemprego, o *viaticum* ou auxílio de viagem, os auxílios contra os acidentes;

2ª *O serviço do ensino*, que compreende a biblioteca e o *bureau* de informações, o museu social, os cursos profissionais, os cursos de ensino geral;

3ª *O serviço da propaganda*, que compreende os estudos estatísticos e econômicos preparatórios, a criação dos sindicatos industriais, agrícolas e marítimos; *sailor's home*, sociedades cooperativas, demanda de conselhos de prud'hommes etc;

4ª *O serviço de "resistência"*, enfim, que se ocupa do modo de organização das greves e dos fundos de greve, e da agitação contra os projetos de leis inquietantes para a ação econômica.

O que surpreende, nessa enumeração, é a diversidade dos serviços e a multiplicidade de aptidões que eles exigem. Como e onde as Bolsas do Trabalho recrutam os homens possuidores simultaneamente dos conhecimentos todo especiais necessários para o estabelecimento de apoios mútuos, da experiência pedagógica exigida pelo controle dos cursos, das faculdades organizadoras e administrativas indispensáveis à propaganda? Elas os recrutam em seu seio, entre os operá-

rios manuais (mas operários ávidos de saber e que não poupam nem esforços nem sacrifícios para o triunfo de suas idéias e de suas empresas) de que se compõe sua administração. Sem dúvida, encontram-se habitualmente nesse comitê geral dois ou três empregados, representantes do sindicato de sua profissão; mas o que é esse número ínfimo em relação aos vinte, trinta ou quarenta operários que formam o resto do comitê? E (salvo exceções) de que auxílio às Bolsas do Trabalho poderiam ser homens mui amiúde ocupados em buscar, fora dos segredos do *quatre-bandes*, o meio de livrar seus patrões da concorrência dos ambulantes? Às vezes, também, mas o caso é muito raro, percebe-se algum personagem híbrido, sem profissão determinada, atraído para a organização corporativa pela sedução que exercerá sobre todo indivíduo curioso de psicologia social um movimento que abala manifestamente o velho edifício político e econômico. Mas essas exceções não infirmam absolutamente a regra.

Porquanto ninguém pode desempenhar um papel na administração das Bolsas se não for sindicalizado, e sindicalizar-se (exceto pelo título elástico de empregado) se não exerce efetivamente a profissão indicada, são, pois, operários (operários de elite, afinados por substanciais leituras e freqüentes controvérsias em relação aos problemas mais diversos) que administram as Bolsas do Trabalho, controlam os cursos, compõem as bibliotecas, fundam as associações e organizam a resistência contra a depressão econômica.

Que resultados eles obtiveram? Antes de registrar o interessante detalhe, damos, com a ajuda dos estatutos de uma das Bolsas do Trabalho existentes, uma idéia geral dessas instituições:

A Bolsa do Trabalho (trata-se daquela de Saint-Étienne) é administrada por uma delegação composta de dois membros do sindicato. A reunião de todos esses delegados assume o nome de Administração geral. Ela decompõe-se, em seguida, em tantas subcomissões quanto o exigem as necessidades do serviço. Essas comissões são atualmente (1894) em número de cinco, repartidas da seguinte maneira: 1ª Subcomissão administrativa, encarregada do executivo; 2ª Subcomissão de controle das finanças e da estatística, encarregada da verificação das contas, da estatística anual e do emprego; 3ª Subcomissão de controle dos cursos profissionais. Essa comissão é encarregada do controle dos alunos que seguem os cursos profissionais, de assegurar a regularidade e o bom funcionamento; 4ª Subcomissão de propaganda. Esta comissão é encarregada de todas as informações a serem dadas aos operários em via de organização sindical e ajudá-los em toda circunstância para bem conduzir a obra empreendida; ela se mantém à disposição dos interessados e está presente em suas reuniões corporativas, quando a solicitação é-lhe feita; 5ª Subcomissão do jornal e da biblioteca. Esta subcomissão é encarregada da redação do órgão oficial da Bolsa do Trabalho; ela opera a classificação da parte oficial e dos artigos; recebe as correspondências relativas ao jornal, bem como as assinaturas; é encarregada, além do mais, das compras assim como da encadernação das obras da biblioteca. Quando julga oportuno, a Administração geral nomeia subcomissões extra-administrativas..., mas essas comissões são dissolvidas assim que seu mandato é concluído...

Uma vez dada essa idéia geral, podemos expor o funcionamento íntimo de cada um dos serviços;

[...]

## Serviço do ensino

1. *Bibliotecas*. – A Bolsa do Trabalho, dizem os estatutos gerais de todas essas associações, “tem por objetivo concorrer ao progresso moral e material dos trabalhadores de ambos os sexos”. Ora, que meio conduziria melhor a esse objetivo do que a iniciação dos operários às descobertas do espírito humano? É sobretudo em matéria de ensino que devemos nos regozijar com a criação das Bolsas do Trabalho, pois só elas podiam realizar os maravilhosos esforços que fizeram dizer delas o sr. Ed. Petit: “Elas tornam-se as universidades do operário.” Os sindicatos pobres, fracos e isolados, os círculos políticos, desdenhosos do estudo econômico, eram igualmente impotentes, não apenas (isso é óbvio) para organizar os cursos de ensino profissional e primário dos quais falaremos mais à frente, mas, inclusive, para constituir bibliotecas sérias. Houve um tempo, por sinal, em que as raras bibliotecas sindicais viam-se obrigadas a compensar a severidade das obras de tecnologia ou de ciência pelo atrativo dos romances folhetinescos que fazem ainda hoje a alegria do camarote e da antecâmara; ora, é supérfluo dizer que velhos e jovens operários, a quem sua ignorância dos acontecimentos sociais e das regras que os determinam limitava o horizonte, que se criam encerrados, eles e as gerações que os seguiam, no círculo dos salários de fome e dos trabalhos embrutecedores, que, de resto, viviam isolados, não podiam engajar as discussões vivas nas quais se aguçam as faculdades de observação e crítica, preferiam as narrativas pitorescas ou perturbadoras dos contistas populares às obras elevadas. Foi, então, quando, aproximados, federados e inquietos em ver piorar a cada dia a condição operária, os sindicatos tive-

ram de refletir acerca do problema econômico, que, de um lado, os operários adquiriram algumas clarezas da ciência social e ficaram em condição de interessar-se pelas obras postas em suas mãos, e, por outro lado, deitaram os olhos sobre o mundo e ali descobriram o tesouro literário capaz de embalar seu sofrimento, esperando que ele lhes permitisse remediá-lo.

Atualmente, não há Bolsa do Trabalho que não possua uma biblioteca e não faça, para enriquecê-la, sérios sacrifícios. Algumas só têm 400 ou 500 volumes, mas outras contam com 1200, e a de Paris, que se encontra, é verdade, numa situação privilegiada e provida de uma sala de trabalho de 72 metros de superfície, é rica de mais de 2.700 volumes. Em todas essas bibliotecas, por sinal, a qualidade supera a quantidade. Como de instinto, as Bolsas do Trabalho foram às obras mais apropriadas para apurar o gosto, elevar os sentimentos, ampliar os conhecimentos da classe operária; os trabalhos mais conscienciosos, as críticas sociais, econômicas e filosóficas mais nutridas e mais ousadas, as obras de imaginação mais elevadas: são os alimentos que elas ofereceram a apetites tanto mais robustos porque tinham sido até ali pouco saciados. Assim, encontramos em seus catálogos, ao lado de uma seção tecnológica composta dos tratados mais recentes e mais reputados, e a par das descobertas científicas e profissionais feitas a cada dia pelo físico, pelo químico e pelo engenheiro, os mestres da economia política, de Adam Smith a Marx; a literatura, dos prosadores e poetas dos séculos XVII e XVIII a Émile Zola e Anatole France; a crítica e as sínteses sociais, de Saint Simon a Kropotkin; ciências naturais, de Haeckel e Darwin aos irmãos Reclus e aos mais eminentes entre os antropólogos contemporâneos.

As Bolsas do Trabalho mostram, por sinal, um inteligente ecletismo, e podemos ver nas estantes de suas bibliotecas, fraternizando pelo gênio, obras tais como: *Le Génie du Christianisme* e *La Justice dans la Révolution et dans l'Église*, *Le Pape* de M. de Maistre, e *L'Esquisse d'une morale sans obligation ni sanction* de J.-M. Guyau, *L'Essai sur l'indifférence* de Lamennais, e *Les Ruines* de Volney, ou *L'Origine de tous les cultes* de Dupuis. Ousariamos dizer que todos esses livros são muito lidos? Seguramente não; mas há operários que têm a curiosidade de abri-los e que, mais ou menos, experimentam, com a virulência dos grandes polemistas católicos, a riqueza poética de um Chateaubriand. Quanto aos outros, refiro-me àqueles dos quais é preciso despertar artificialmente o interesse; eles se dão uma nova alma lendo os romancistas mais próximos pela idade e pelas tendências sociais.

2. *Os Museus do Trabalho*. – As Bolsas não se contentam absolutamente em ter dado a seus aderentes bibliotecas extraordinariamente bem compostas. Com a imaginação sempre desperta, elas gostariam de criar esses museus do trabalho dos quais recentemente expomos o plano em seu órgão central, *L'Ouvrier des deux mondes*. Não cessamos de dizer que os produtos, que custam tão caros ao operário, beneficiam escandalosamente o capitalista; que de ano em ano o poder de compra dos pobres diminui enquanto o dos afortunados aumenta; a riqueza continua a crescer e a miséria torna-se cada vez mais pavorosa; declaram-se as condições econômicas tais que, quanto mais os anos se acumularem, mais o povo será espremido e mais impotentes tornar-se-ão seus esforços para proteger pacificamente sua existência; diz-se ainda... mas o que é tudo isso senão puras afirmações? Seria

preciso outra coisa. Seria necessário oferecer ao povo o meio de obtenção. Ora, que outro meio senão pôr-lhe sob os olhos a própria substância da ciência social: os produtos e sua história?

Eis amostras dos fios empregados nas tecelagens de Amiens. Sabemos quanto ganham os operários que os tecem, quanto ganham também os tecelões de outras regiões. Mas o que nos indicam esses números? — quase nada, pois ignoramos todas as circunstâncias acessórias que, só elas, dar-lhes-iam seu verdadeiro valor; assim, o custo das matérias-primas nos países de produção e seu custo na entrada nas manufaturas, quer dizer, o montante retirado pelo transporte, pelas duanas, pelos intermediários, o que exigem a alimentação, a moradia e a manutenção dos operários, único meio de conhecer o que vale realmente seu salário; se o salário percebido é aquele de cada jornada de trabalho ou de cada um dos trezentos e sessenta e cinco dias do ano; quanto, em que quantidade e onde o fabricante vende seus produtos; a que preço são adquiridos pelos consumidores do varejo etc.. Sobre o que poderíamos fundar solidamente os princípios econômicos que deduzimos empiricamente de estatísticas rudimentares e às vezes duvidosas?

Tais são as preocupações de muitas Bolsas do Trabalho. Mas como satisfazer isso? Oh! É muito simples: criando um museu subdividido em tantas seções quantas uniões operárias existem e que anexasse à amostra de cada um dos produtos manufaturados toda a sua história. Os operários conheceriam, então, em alguns minutos, de onde vem o tecido posto sob seus olhos; as diversas regiões onde é fabricado; seu preço de custo; o número de operários exigido em sua fabricação; seu salário; o que eles dispendem para viver; quantas horas

trabalham por dia e quantos dias por ano; o preço de venda no atacado e no varejo do tecido; o número, a natureza e a produtividade das máquinas que o teceram: todos esses números atualizados, e indicando constantemente a situação comparativa do capitalista e do operário, do produtor e do consumidor, de tal sorte que, pouco tempo depois, essa verdade eclodisse aos olhos dos operários da indústria têxtil que greves, associações de socorros mútuos, ligas contra o desemprego, leis operárias, tudo isso não deteve a pauperização do mesmo modo que um dique de areia não conteria o mar.

Entendamo-nos bem: essa constatação não teria por objetivo nem por efeito depreciar instituições econômicas inspiradas não apenas pela necessidade de defesa atual, mas também e sobretudo pela intenção de prover desde já a classe operária dos meios de produção, repartição e consumo que necessitaria após a transformação social; essa constatação só serviria para demonstrar ao povo, sob uma nova forma e supremamente eloqüente, a impossibilidade de uma transformação pacífica.

Imaginal agora uma monografia semelhante para todos os produtos da indústria humana; para o mineral extraído das profundezas do Ural, o carvão da Westfália ou do Gard; para o horrível bibelô de Nuremberg e a delicada cestaria do Palatinado; para o cristal da Boêmia e o vidro da Pensilvânia ou do Tarn; para o diamante da Índia e a tapeçaria dos Gobelins; para as cerâmicas de Aubagne e as maravilhas azuladas de Sèvres; para tudo o que proporciona a uns júbilos de avaro, volúpias de artista ou vis satisfações de vaidosos, e que custa aos outros tantas misérias, tantas dores pacientemente suportadas, silenciosamente devoradas. Imaginal, enfim, esses testemunhos vivos, pode-se dizer, de uma inexplicável desi-



gualdade econômica, expostos ao mesmo tempo e constantemente em todas as grandes cidades, lembrando incessantemente ao mineiro, ao vidraceiro, ao cesteiro, ao diamantário, ao ceramista, ao modelador, que essas obras, saídas de suas mãos e das quais eles mal extraem sua subsistência, irão ornar as casas de outros homens — e essas silenciosas lições não seriam mais eloqüentes do que os estéreis clamores revolucionários a que se esfalfam os oradores de bistrôs?

Por sinal, nada falta às Bolsas do Trabalho para realizar esse projeto. Elas têm, para a estimativa, a origem e a história do produto, desde a entrada da matéria-prima na fábrica até à colocação à venda do objeto manufaturado, as federações profissionais de todos os países, os relatórios dos agentes consulares de todas as nações, os sindicatos de viajantes, representantes de comércio e contabilistas; para as condições mecânicas nas quais se elabora o produto, os tratados especiais e as informações dos operários; para as condições econômicas, as declarações dos sindicatos.

O futuro dir-nos-á o que adveio desse projeto, cujo menor mérito seria dar aos edificadores das cinquenta seções do museu uma ciência econômica que muitos economistas da escola poderiam invejar-lhes.

3. *Os bureaux de informações.* — À criação dos Museus do Trabalho não se limita a ambição das associações operárias. Indicamos anteriormente que a principal vantagem das Bolsas havia sido aquela de iniciá-las todas aos progressos realizados por cada uma delas, e, em seguida, desviá-las de experiências reconhecidas estéreis bem como sugerir-lhes idéias fecundas. Todavia, concebemo-lo, cada Bolsa e o próprio comitê federal podem ter esquecido onde se elabora mais

judiciosa e habilmente tal ou qual inovação; daí a necessidade, se não quisermos comprometer em parte o papel das Bolsas do Trabalho, de criar um bureau central ou, melhor, um grande número de bureaux particulares de informações econômicas.

A iniciativa desse projeto cabe à Solidariedade dos trabalhadores de Bagnères-de-Bigorre:

Os grupamentos, diz essa associação, só se formam nas grandes cidades, lá onde um espírito ousado propõe e só des-cansa quando sua idéia está em via de realização. E lá ainda se caminha nas trevas; multiplicam-se as sociedades que, compostas de pouquíssimos membros, só têm vida no papel; crê-se fundar nove em Marselha, tateia-se, talvez não se consiga, quando em Lille tal projeto já foi resolvido e funciona regularmente: a experiência do norte não beneficia o sul. Foi constatando essa situação que a idéia da biblioteca social ocorreu-nos. Dissemo-nos: não deveríamos pensar em completar nossa educação? Não seria possível mensurar o esforço feito por nossa educação para chegar a um melhor estado social? Todos os soldados de nossos grande exército experimentariam alguma satisfação em ver tantos resultados conseguidos, malgrado o meio desfavorável no qual se movem os operários. E eles seriam ao mesmo tempo levados a reconhecer a esterilidade de esforços isolados, que não se generalizam em todas as cidades e no campo. Essas constatações teriam por consequência dar a todos nós mais confiança no futuro; quando a vitória parece certa, um exército é invencível.

Em virtude dessas observações, a Solidariedade dos trabalhadores propõe organizar a primeira biblioteca social, o primeiro bureau de informações.

Que todas as sociedades existentes, e, inclusive, dissolvidas, diz ela (sindicatos operários, Bolsas do Trabalho, sociedades de socorros mútuos, sociedades cooperativas de produção, de consumo, de poupança, de previdência etc.), enderecem-nos seus estatutos, que elas nos enviem os resultados obtidos. A Solidariedade dos trabalhadores encarrega-se de centralizar todas essas informações e classificá-las; cada categoria de sociedade formará uma seção especial, tendo seu secretário particular encarregado de catalogar tudo o que lhe será enviado, estudar em detalhe e com zelo todas as peças recebidas, elaborar relatórios, buscar os germes de vida que produziram a prosperidade de certas associações, e a causa da morte dos grupos que não mais existem... Nossa biblioteca também se comporia das obras que tratam das questões sociais... que, pela organização de uma biblioteca circulante, emprestaríamos às associações que quisessem consultá-las.

Vemos que economia de força e de tempo permitiria às Bolsas do Trabalho a instituição de um certo número de bureaux desse gênero. Acrescentemos que ela é de fácil realização, e que logo ela completará pela leitura os meios de educação já postos pelas Bolsas à disposição de seus aderentes.

4. *A imprensa corporativa.* – Um certo número de Bolsas do Trabalho edita a cada mês um boletim no qual elas publicam atas de suas sessões e diversas estatísticas relativas a seus cursos profissionais, ao movimento sindical etc.. Elas inserem, além disso, alternadamente, as atas das sessões do comitê federal, o comitê não tendo mais órgão oficial desde o desaparecimento, em 1899, da revista de economia social, *Le Monde Ouvrier*.

Devemos confessar que a maioria dessas publicações, das quais se esperavam os mais importantes serviços, não com-

preendeu ou soube absolutamente desempenhar seu papel. Duas ou três, no máximo, os boletins de Nîmes e de Tours, *L'Ouvrier du Finistère*, esforçaram-se para ajudar, em diversas proporções, na elucidação dos problemas econômicos e sociais. As outras sequer informam quanto ao funcionamento superficial das Bolsas que as editam.

Sem dúvida, a tarefa que incumbe aos secretários das Bolsas do Trabalho excede suas forças, se não sua boa vontade, e é justo admirar a parte que eles desempenham em vez de ressaltar aquela que eles negligenciam. Entretanto, a responsabilidade de seu fracasso em matéria de jornalismo é-lhes imputável por inteiro, pois dependia deles tornar seus órgãos úteis... e interessantes sem esforço pessoal. Bastava publicar nesses órgãos os relatórios, às vezes tão abundantemente documentados, de suas missões de estudos, depois suscitar entre seus aderentes os colaboradores preciosos que nós próprios encontramos ali e que teriam ora exposto as condições da vida operária, ora explicado o sindicato, apontado seus pontos fracos, ressaltado suas vantagens, enumerado seus sucessos ou procurado as causas de suas derrotas, iniciado, em resumo, na atividade sindical os que a ignoram e os que a conhecem mal.

Villemessant revelou-se psicólogo no dia em que sustentou que todo homem é capaz de ao menos um excelente artigo. Que concludente verificação dessas palavras nós mesmos não fizemos, obtendo de operários, que se imaginavam antes incapazes, interessantes monografias de associações e, às vezes, substanciais estudos relativos às questões que apaixonam o proletariado! Quantas vezes, inclusive, publicamos históricos de Bolsas do Trabalho dos quais as Bolsas teriam podido reservar-se a primazia ou ordenar a reprodução! Que

os jornais corporativos não sejam mais lidos, é uma desventura explicável, pois ninguém se entusiasma pela leitura de publicações destituídas de interesse. Mas depende das Bolsas do Trabalho que as editam dar-lhes uma publicação conveniente: elas têm, com efeito, em seu próprio seio, todos os elementos apropriados para elaborar revistas que não deixam a desejar comparadas às revistas corporativas inglesas e americanas; que elas aprendam a coletá-los, e acrescentarão a todos os instrumentos de emancipação dos quais elas dispõem o instrumento por excelência: o jornal, no qual o homem se reflete e que lhe dá a sensação de viver.

5. *O ensino.* – Não é de ontem que a organização de um ensino profissional por sua própria iniciativa obceca os grupos corporativos. Sem remontar a antes de 1872, constatamos que era o objetivo dos fundadores do círculo da União sindical operária, e que todos os sindicatos da época haviam subscreve com entusiasmo a esse projeto.

Se nós nos reportarmos aos começos, diz o Relatório da delegação dos operários marmoristas de Paris, na Exposição Universal de Lyon (1872), vemos que, no princípio, uma escola sindical central de desenho profissional havia sido julgada necessária por um grupo de trabalhadores. Outros cursos, ligando-se aos conhecimentos úteis a todas as profissões, deveriam, segundo os recursos do círculo, ser acrescentadas a ela na seqüência.

A primeira reunião com esse objetivo deveu-se à iniciativa do cidadão Ottin, artista estátuário, que foi desenvolver sua proposição entre os gravadores. Sendo o desenho de primeira utilidade nesse ofício, a questão ali foi abordada resolutamente. Em seguida, a câmara sindical dos operários tapecei-

ros ofereceu o local de sua sede social para que lá fossem realizadas as sessões preparatórias para o projeto de escola... Assim, acrescentava o Relatório, as câmaras sindicais dar-se-ão reciprocamente um concurso de idéias e conhecimentos práticos; elas aprenderão a conhecer em seu seio as individualidades dignas de apresentá-las e nivelarão os conhecimentos especiais pela disseminação dos meios partilhados no vazio dos menos favorecidos.

Todavia, malgrado o valor que davam os sindicatos à organização de um ensino técnico, nada de extraordinário foi feito nessa via antes da criação das Bolsas do Trabalho. Mas logo que nasceram, essas instituições recuperaram o tempo perdido, e, durante os quinze últimos anos, realizaram autênticos prodígios quanto à organização e ao funcionamento de seus cursos de adultos.

Nós citamos há pouco a apreciação do sr. Ed. Petit, ornando as Bolsas que possuem cursos do título de universidades do operário. Quem quer que tenha lido o livro publicado em 1897 pelo sr. Marius Vachon sobre o ensino industrial na França compreenderá a justeza desse elogio.

No que concerne ao ensino, as Bolsas podem dividir-se em duas categorias: aquelas que se limitaram ao ensino profissional, teórico e prático, e as outras que, mais ambiciosas, introduziram ali (não fazendo, por sinal, senão preceder as outras) um ensino eclético, abordando os conhecimentos os mais diversos.

Não podemos, mesmo sumariamente, dizer aqui tudo o que fizeram umas e outras para reagir, segundo a expressão de um membro da Bolsa do Trabalho de Toulouse, contra a tendência dominante na indústria moderna de fazer da criança um trabalhador manual, um acessório inconsciente da

máquina, em vez de fazer dela um colaborador inteligente. M. Vachon consagrou sobre isso uma grande parte de sua obra, e ainda assim não disse tudo. Nós nos limitaremos, então, a indicar as matérias tratadas por algumas Bolsas e a opinião exprimida por uma delas sobre o papel ao qual elas pretendem no campo do ensino.

Entre as Bolsas da primeira categoria, encontramos Saint-Étienne, Marselha, Toulouse. Marselha tem nove cursos: marcenaria e ebanisteria, metalurgia, estereotomia, carpintaria, carroceria, cabelereiro, corte de couro, alfaiataria, tipografia e litografia. Saint-Étienne, além de dois desses cursos, possui os seguintes: geometria e desenho mecânico, geometria e desenho para os operários da construção civil, traçagem de linhas curvas para os caldeireiros e os funileiros, produção de roscas para os torneiros mecânicos, escola de traçado para os carpinteiros, produção de cartões para os tecelões, costura e economia doméstica, aritmética, carroceria, pintura e fiação, arpentagem e nivelamento. A última estatística geral, isto é, aquela do exercício 1899-1900, acusa, para o período de 1<sup>a</sup> de outubro a 30 de junho, a ocorrência de 597 sessões de duas horas cada uma; a média dos alunos é de 426. Todo ano, por ocasião da distribuição das recompensas aos laureados de cada um dos cursos professados na Bolsa, a Administração da Bolsa organiza uma festa familiar (concerto ou baile) cujas receitas são usadas para a compra de materiais escolares em proveito dos alunos necessitados sindicalizados ou filhos de sindicalizados.

Montpellier possui cinco cursos: cursos de sapateiro, corte, ebanista, cabelereiro e culinária. Toulouse, que recebe uma bastante forte subvenção anual, criou vinte cursos e abriu uma magnífica oficina tipográfica. O conselho geral da

Alta Garonne concede-lhe todo ano 300 francos, destinados a serem convertidos em prêmios para os alunos, e cuja distribuição é precedida por uma exposição pública dos trabalhos executados durante o exercício. Os cursos, que até soldados freqüentam, são visitados todas as noites pelo administrador de serviço; eles, por sinal, produziram resultados tais que a Bolsa projeta fazer os alunos participarem dos concursos instituídos pelo Ministério do Comércio para a obtenção de bolsas de viagem.

Entre as Bolsas da segunda categoria, podemos citar as de Paris e Nîmes. Em Paris, um certo número de sindicatos aderentes à União do Sena, organizou, de concerto com a Associação politécnica que forneceu os professores, cursos de eletricidade industrial, contabilidade comercial, estenografia, desenho, mecânica e química aplicadas, geometria prática e álgebra, direito comercial e industrial, construção de automóveis, línguas alemã e inglesa. Seria inútil dizer o que são esses cursos, pois a Associação politécnica mostrou abundantemente, em matéria de ensino, seu valor: mas é duvidoso que eles possam ser muito proveitosos aos alunos, e isso por duas razões que se devem à própria organização da Bolsa do Trabalho de Paris.

Nas Bolsas do Trabalho de província, os cursos são acompanhados assiduamente pelas mesmas pessoas durante toda a duração, porque essas Bolsas, em vez de serem, como a de Paris, vastos imóveis nos quais os sindicatos só podem ter entre eles relações difíceis ou sumárias, são pequenas e ardentes núcleos de atividade sindical, proporcionando, assim, o entendimento e a colaboração mais fáceis e completos, podendo fazer ali cursos de autênticas escolas, nas quais os alunos são, por assim dizer, obrigados a freqüentar. Em Paris,



ao contrário, os sindicatos, sendo estranhos à administração da Bolsa, não podem regularizar seus cursos, que são, em consequência, espécie de conferências livres. Desse modo, o número de alunos ali é muito variável, sua assiduidade muito relativa e os resultados obtidos piores do que se desejaria.

Por outro lado, esses cursos são exclusivamente teóricos. A quantidade excessiva de sindicatos concentrados nas ruas Château-d'Eau e J.-J. Rousseau (onde quase todos os escritórios são ocupados por duas organizações) proíbe até mesmo sonhar com a criação de cursos práticos. Eis por que muitos sindicatos, notadamente aqueles da tipografia parisiense, mecânicos, operários especializados em automóveis, passamaneiros, marceneiros etc., decidiram-se a organizar, fora da Bolsa, um ensino prático cujos serviços são extraordinários.

A Bolsa do Trabalho de Nîmes é aquela que mais fez pelo desenvolvimento simultâneo do ensino profissional e de um ensino complementar abrangendo diversos ramos dos conhecimentos humanos.

Seu ensino técnico compreende a aritmética, a geometria, a mecânica, a planta baixa, a contabilidade, a geografia comercial, a legislação, as mercadorias. Seu ensino complementar abarca a língua espanhola, a medicina e a cirurgia práticas; ela projeta, além disso, a criação de cursos de economia política e social, higiene, sociologia e filosofia.

Completamos esse panorama sumário do ensino dado pelas Bolsas do Trabalho observando que aquela de Clermont-Ferrand, impedida até aqui, por falta de recursos, de organizar cursos profissionais, oferece a seus aderentes todo inverno conferências feitas pelos professores da Universidade. Essas conferências são muito procuradas.

Os resultados materiais produzidos por esses diversos meios de difusão dos conhecimentos úteis, nós os conhecemos e sequer tentaremos indicá-los; mas que resultados morais eles determinaram? Quais foram suas conseqüências econômicas? Eis o que se perguntaram as Bolsas do Trabalho no congresso que elas organizaram em Rennes. Se a instrução geral, com efeito, é, em toda circunstância, de natureza a depurar os sentimentos do homem, o aperfeiçoamento técnico, ao contrário, poderia, em estado de luta criado pelas dificuldades da existência, servir apenas para agudizar seu pendor, por sinal, desculpável, ao egoísmo; e, neste caso, as Bolsas do Trabalho desempenhariam um papel de lorpas que, reencontrando como contramestres ou subempreiteiros seus ex-alunos, continuariam a moldar-se adversários de seus interesses.

Uma questão quase semelhante, de resto, já se colocou em algumas cidades a propósito da formação dos aprendizes; e antes que o congresso de Rennes tivesse estabelecido como princípio que o ensino das Bolsas do Trabalho deveria servir, não para fazer aprendizes, mas para aperfeiçoar os operários adultos e aqueles dentre os jovens já ingressados na oficina ou na fábrica, a Bolsa de Toulouse teve de fechar momentaneamente sua oficina tipográfica, com os aprendizes formados eliminando, graças à diferença habitual dos salários, os operários adultos das tipografias da cidade.

Essas diversas observações fazem compreender por que o congresso de 1900 teve de estabelecer: 1<sup>o</sup> Se, no âmbito de cada Bolsa do Trabalho, os cursos profissionais contribuíram para aumentar os salários; 2<sup>o</sup> Se eles elevaram o valor técnico dos operários em geral; 3<sup>o</sup> Se os operários que se beneficiaram disso permaneceram operários e em comunhão de princí-

pios com seus companheiros, ou se eles formam viveiros de contramestres, de capatazes etc.

A essas três questões, o congresso respondeu afirmativamente, e reconheceu que, longe de ser nocivo aos esforços feitos pela classe operária para a liberação coletiva e simultânea dos trabalhadores, o ensino profissional criado pelas Bolsas produz material e moralmente bons resultados.

Todavia, nossa ambição não pára aí; o elevado grau alcançado pelo ensino que dão as Bolsas do Trabalho sugeriu-nos o desejo de elevar mais e (lenta mas seguramente) anexar a cada Bolsa uma escola em posição intermediária entre a escola primária e a seção de ensino “moderno” ou “especial” dos colégios. Surpreendemos com isso os leitores desse estudo? Qual não será, então, sua surpresa se lhes dissermos que o mais difícil dos problemas apontados por essa idéia não é nem a duração cotidiana dos cursos (M. Demolins afirmou com muita coragem que as quatro horas de aulas e as seis horas de “estudo” impostas em certos estabelecimentos de nosso conhecimento são exageradas de dois terços), nem mesmo o recrutamento dos professores, mas a obtenção dos recursos financeiros indispensáveis. Entretanto, e sem contar com subvenções municipais problemáticas, encontraremos, talvez, esses recursos na formação das cooperativas escolares. É supérfluo acrescentar que em caso de sucesso, as Bolsas criariam uma biblioteca clássica inspirada nos princípios socialistas.

De resto, em matéria de ensino, toda ousadia é legítima. Os cursos instituídos pelas Bolsas do Trabalho não têm apenas por efeito fazer “bons operários”; eles têm por benefício — dizia no mês de agosto de 1899 o administrador da Bolsa do Trabalho de Saint-Étienne, encarregado de presidir a dis-

tribuição dos prêmios — elevar o coração daqueles que os seguem. Pois se dão conta de quão difíceis são os começos de todo trabalho, quão importantes são essas horas de estudos que os fortalecem com vistas à luta da inteligência contra a matéria bruta; o homem que sabe o que vale respeita-se ainda mais... e à medida que adquire consciência de seu valor, enobrece o trabalho em vez de aviltá-lo...

Quanto mais conhecimento tivermos, acrescenta um redator do jornal *L'Ouvrier en voitures*, sobre tudo o que diz respeito às manifestações da vida social, mais força de resistência e de ataque a opor aos nossos opressores teremos... e creio que nos instruindo o máximo possível, nós nos aproximamos cada vez mais do ideal para o qual caminhamos e que é a completa liberação do indivíduo.

## O ensino em sociedade libertária

A educação deve ser a formação arbitrária de todas as inteligências a um ensino idêntico? É necessário ao desenvolvimento intelectual que todo dia, na mesma hora, milhares de jovens traduzam o mesmo texto em latim ou grego, sob a vigilância de um mestre mais funcionário do que professor, quando tantos entre eles ocupar-se-iam mais utilmente da solução de um problema algébrico ou de uma construção mecânica, se a estabilidade do mestre lhe tivesse permitido estudar há muito tempo as aptidões de cada um de seus alunos? O que esse sistema produz, sabemos-lo muito bem. Nós lhe devemos os seres híbridos, inaptos às profissões liberais, porque nada lhes destinava a isso, inaptos às profissões manuais, porque estas não lhes foram ensinadas, que povoam as administrações, refúgio das mediocridades, ou os asilos noturnos, refúgio dos desclassificados.

A questão do ensino é incontestavelmente a mais importante, pois só dela depende toda a vida social; segundo que a vocação do jovem, ou, se se quiser, os indícios que terão permitido conjecturar sua vocação, terão sido bem ou mal observados, ele poderá tornar-se útil a ele mesmo (e, em consequência, à coletividade) trazendo ao exercício de sua profissão uma inteligência e um gosto sabiamente desenvolvidos, ou então, essa profissão, desagradando-lhe e faltando-lhe o tempo para adotar uma outra mais bem apropriada às suas aptidões, ele exercerá como se cumpre uma corvéia, em condi-

ções tais que seu trabalho, em vez de ser proveitoso ao fundo social, ser-lhe-á um peso. Ora, quatro modificações ao sistema atual parecem-nos necessárias.

1ª É preciso que a instrução seja integral, isto é, em vez de dar às crianças noções necessariamente incompletas, ainda que demasiado densas, sobre tal ou qual ramo dos conhecimentos humanos, ela fornecer-lhe-á o meio de estudá-los todos. Em matéria de ensino, estamos penetrados por essa idéia de que a multiplicidade dos conhecimentos exigidos pelos programas oficiais, em vez de interessar os cérebros a abrirem-se, desencoraja-os e fecha-os, e só exerce a memória. Mas a memória não é, de todas as faculdades humanas, aquela que demanda mais amiúde exercício? Que ela cesse de funcionar durante um ano, durante seis meses, e o número de coisas que ela deixará fugir será prodigioso. Ora, o que acontece, com efeito, com o jovem tão logo ele se encontra em luta com as realidades da existência? Que, surpreendido pelas exigências econômicas, absorvido por uma ocupação especial, esquece muito rápido os conhecimentos estranhos, numerosos mas mal digeridos, que ele adquirira por todos os tipos de artifícios imensas técnicas. Se, desde logo, sua ocupação atual vem a faltar-lhe e que precise buscar em sua memória os elementos de uma nova ocupação, ele constatará, provavelmente sem surpresa, que não sabe mais nada. Eis por que se pôde dizer com credibilidade que um doutor em letras seria incapaz de ser novamente aprovado no *baccalauréat*; eis por que ainda muitos licenciados fracassam em concursos em que obtêm êxito alunos recém-saídos da escola primária. O ensino deveria, pois, ter por objetivo: 1º Exercitar o espírito em vez da memória, levando-se em conta a fragilidade cerebral da criança; 2º Inculcar unicamente, mas a fundo, o rudi-

mento, o mecanismo de todos os conhecimentos, de modo que o jovem, em vez de ser, ao sair do colégio, um especialista, na maioria das vezes impedido de utilizar seus conhecimentos particulares, tenha a chave de todas as ciências e esteja, por consequência, em condição, por meio de um estudo pessoal fácil e curto, de ocupar qualquer situação.

Por ensino integral, diz Pierre Denis,<sup>1</sup> deve-se entender um ensino de noções gerais, elementares, que são a base de todos os conhecimentos, e de um método com o auxílio do qual aquele que possui essas noções pode, por si mesmo, por suas observações, suas experiências e sua prática, adquirir todos os conhecimentos possíveis em todas as ciências e todos os ofícios. Não se trata, então, de entupir o cérebro do aluno de nomes, datas, fatos, regras e fórmulas; trata-se simplesmente de ensinar-lhe a observar, investigar, pesquisar e descobrir, dando-lhe as primeiras noções indispensáveis, e que se reduzem, em definitivo, a um pequeno número.

Para Pierre Denis, assim como para nós, o ensino integral não é a extensão nem do ensino primário, nem do ensino secundário.

É outra coisa, diz ele. Se eu não temesse fazer um paradoxo, diria que é o contrário. É um outro método. E esse método consiste em fazer preceder às noções teóricas a prática, a só entrar nos detalhes quando se tem uma visão aproximadamente completa de conjunto, e de como ir do simples ao composto. Além disso, esse método, que se propõe unica-

---

<sup>1</sup> *La Cocarde*, 26 de fevereiro de 1895, "Le Musée du Travail", *L'Ouvrier des deux mondes*, 1<sup>a</sup> de abril de 1898.

mente por objetivo fornecer aos indivíduos os meios de adquirir conhecimentos e utilizá-los segundo suas aptidões, não se preocupa de modo algum com concursos, classificações e diplomas. Longe de tender a fazer funcionários e especialistas, ele tende a fazer enciclopedistas práticos, Robinson Crusóé, sabendo e podendo fazer por eles próprios tudo o que lhes pode ser necessário, e, em conseqüência, podendo facilmente passar de um ofício a outro.

2ª É preciso que os educadores sejam subtraídos das preocupações com a progressão, que faz com que sua solicitude limite-se aos alunos mais bem dotados, e que só a vontade deles afaste-os de um estabelecimento. Só assim poderão consagrar-se com igual zelo a todos os alunos, conjecturar com alguma aparência de certeza em que via os esforços da criança serão mais utilmente dirigidos; em resumo, fazer homens capazes de trazer ao ativo social (medida das satisfações individuais) uma contribuição apreciável.

3ª É preciso que a instrução integral seja dada a todas as crianças e que os estudos prossigam até aos vinte anos. O interesse da coletividade não é, com efeito, que a criança entregue-se ao trabalho desde sua extrema juventude, sem se ter preparado para isso física e intelectualmente. O essencial é que, graças a uma instrução científica e a uma habilidade profissional consumadas somadas a uma sólida cultura literária e artística, a criança possa aperfeiçoar os instrumentos mecânicos para melhorar seu destino material e experimentar as belas obras para fortalecer seu espírito, realizar, em resumo, a condição da felicidade, que é ordenar a vida da maneira mais conforme às necessidades do organismo humano.

4ª É preciso, enfim, que o ensino seja absolutamente livre. Concebe-se que o Estado, representação de uma casta,



busque consolidar seu poder por um ensino político, filosófico e religioso do qual ele seja o inspirador e o vigilante. Só ele pode ousar dizer, porque ganhará a aliança daqueles que a professam, que tal doutrina será a medida da lei e do direito. E o que lhe importa se esse sistema é de natureza a dividir os cidadãos? A força está à disposição para manter a ordem, e, até o dia em que essa força, que o ergueu, encontrará uma força maior para derrubá-lo, o Estado terá naturalmente mais vantagem em governar as inteligências do que em deixá-las livres, sendo a liberdade a negação do Estado. Eis por que cada regime político introduz no ensino o espírito que lhe concederá o maior concurso; o regime monárquico, o espírito católico; o regime democrático, o espírito protestante, espírito maleável aos hipócritas abençoadores que buscam numa aparência de livre exame o meio de aprovar mais à vontade. Todavia, e em relação a isso nenhuma contestação possível, a mão do Estado sobre o ensino é apenas um meio de coação, subjugação, uma garantia de segurança, que a centralização favorece adestrando o pessoal administrativo para receber as ordens e propagar as doutrinas de todo partido político triunfante, e que oferece as distrações às dificuldades econômicas, com o perigo materialista ou o perigo clerical servindo, segundo o caso, para desviar o descontentamento público. Assim, os espíritos elevados condenaram há muito tempo esse sistema. Quem quer que, hoje, cientista, erudito, filósofo, não tenha absolutamente a ambição de governar seus semelhantes, protesta contra a consagração exclusiva de tal doutrina ou de tal sistema e professa que a liberdade do ensino deve ser a manifestação primordial da liberdade individual. Se se considera, além disso, que a multiplicidade das opiniões e das crenças, isto é, a multiplicidade dos esforços

em busca da verdade, é uma das condições essenciais do progresso, conservar-se-á a necessidade de liberar os espíritos de toda filosofia e de toda moral de Estado.

Essas modificações, contudo, são realizáveis? Isso não parecerá, talvez, duvidoso se observarmos que não há sequer uma única delas que universitários, letrados, e não reformadores, tivessem crido possível, mesmo no estado social atual. Lede, por exemplo, a discussão que aconteceu em 1867 no Senado sobre a liberdade do ensino superior. Encontra-se ali em germe a doutrina segundo a qual o Estado poderia e deveria deixar a todas as concepções a faculdade de produzir-se, só a colação dos graus sendo-lhe reservado. Isso é, sem dúvida, apenas uma indicação, com todos os oradores manifestando-se favoráveis a conservar para o governo o que seria a própria negação da liberdade consentida: o direito soberano de vigilância e controle; mas essa indicação é-nos preciosa porque justifica nossa tese da censura eventual de utopia. Observemos, além disso, que desde a época em que se engajou esse debate, a iniciativa individual e privada adquiriu no ensino público uma importância cada vez maior. Por toda parte fundam-se institutos, academias, sociedades científicas, estabelecimentos de instrução profissional, que dão, ora uma ciência ortodoxa mas subtraída do controle do Estado, ora uma ciência independente à qual os homens deverão um conhecimento melhor deles próprios e do papel que sua natureza chama-os a desempenhar. Como o observou P. Kropotkin, é uma manifestação, consciente ou não, das tendências frondistas e libertárias que arrebatam pouco a pouco todos os indivíduos.

Todavia, e é o que mais nos importa conhecer, podem essas modificações ser a obra dos governos? É possível que o

Estado consinta abandonar um dia os direitos que ele arrogou-se sobre o ensino público? Que ele algum dia cesse de considerar os membros do corpo universitário, desde o modesto professor primário até o professor de faculdade, como os agentes mais preciosos de sua política? Por um lado, os favores concedidos a certa associação de estudantes, impregnada pelo respeito da ordem estabelecida, por outro, os abusos de poderes cometidos recentemente contra diversos professores e que o Parlamento aprovou, demonstraram a loucura de tal hipótese. Os ministros deram claramente a entender que, se o professor tem o direito de adotar a opinião que lhe convém, é-lhe proibido professá-la, mesmo fora de suas funções, porque ele deve a seu título uma autoridade muito particular, que, não apenas não pode exercer-se em detrimento do Estado, mas que, sendo emanada do Estado, é-lhe naturalmente adquirida. Era confessar sem rodeios que a organização social discutida, o governo contestado, entendem manter-se contra a vontade pública e que recrutarão, inclusive arbitrariamente, defensores entre os funcionários situados sob sua dependência. Como, além disso, o ensino não é um simples viveiro de eleitores, mas que sua influência, considerável sobretudo nas pequenas cidades e no campo, e sua missão, que é preparar as jovens inteligências à vida social, são a própria base da Sociedade, compreende-se que os governos não abram mão de mantê-lo sob tutela na esperança de realizar em seu proveito a frase de Leibniz: "Dêem-me a instrução pública durante um século, e mudarei a face do mundo."

Seria pueril crer e esperar que o Estado, salvaguarda das altas classes, consentisse, restituindo à coletividade a liberdade do ensino, em destruir ele próprio seu melhor instru-

mento de dominação. Assim, o Estado só interessando àquelles a quem ele beneficia, e não tendo qualquer direito ao respeito daqueles contra quem está estabelecido, nada se opõe a que os espíritos independentes busquem por todos os meios a liberdade do ensino e sua extensão a todos os indivíduos; e se, por um lado, a estabilidade dos professores e a liberdade das doutrinas são como parecem, incompatíveis com a existência de uma casta dominante e de um poder central, interessados em subjugar os espíritos; se, por outro, a gratuidade da instrução integral não pode ser obtida numa sociedade em que todas as coisas terão cessado de ser mercadorias, como a massa hesitaria em sacrificar o Estado pelo bem-estar social?

O que falta ao operário francês — e entendo por operário quem quer que trabalhe por salário: melhor ainda, quem quer que, intelectual ou fisicamente bem armado, deve implorar ao Capital o meio para utilizar suas faculdades? Em matéria de coragem e cavalaria, nada: talvez, inclusive, ele seja nisso demasiado bem dotado, generosidade e ousadia conduzindo mui amiúde ao ludíbrio. Ele é corajoso, o fogo não o apavora: ele o provou, de resto, durante a Comuna. O que lhe falta é a ciência de sua infelicidade; conhecer as causas de sua servidão; poder discernir contra quem devem ser dirigidos seus golpes.

Repetimos há mais de dez anos: a fonte do mal social não está nem nos homens que governam, nem nas instituições políticas que oprimem: uns e outras são apenas resultantes. Venha amanhã uma nova Comuna, que nos livre do pessoal governamental, mas que deixe subsistir a faculdade de açambarcamento das riquezas, que suprima exército, magistratura e polícia, mas que respeite a “capitalisabilidade” do símbolo

de troca, o próprio símbolo de troca, e oito dias depois os hábeis, suplantando os prepostos socialistas na administração pública, terão, pela simples força que proporciona a riqueza, restabelecido o governo, a polícia, a magistratura e o exército — e nada terá sido feito senão um novo e inútil sacrifício de energias obscuras. Os 16 de maio seguirão sempre, mesmo privados de canhões para abrir a via, os 18 de março puramente políticos.

A classe operária começa a compreender, e esse caso Dreyfus, que determinou o despertar dos mais abomináveis ódios confessionais, trouxe o irrecusável testemunho disso. Em vão, dois escritores, cuja coragem está acima de todo elogio, Émile Zola e Bernard Lazare, demonstraram (questão de culpabilidade ou inocência à parte) que o processo Dreyfus foi mal julgado, que nele se condenou menos o traficante hipotético de mercadorias militares do que o produto de uma raça execrada; em vão os representantes populares, alguns por oportunismo, e nem vale a pena nomeá-los, outros por paixão pela justiça, e à sua frente Jaurès, fizeram ouvir o grito legítimo de indignação contra a simonia judiciária: o povo, o verdadeiro, aquele que trabalha e que sofre, e contra quem Dreyfus, em tempo de guerra civil, teria desferido golpes de sabre conforme desejava fazê-lo Esterhazy, o povo permaneceu indiferente e teria preferencialmente batido palmas ao espetáculo do galonado, vítima, por sua vez, da injustiça burguesa, até ali reservada aos pequenos.

Qual a causa dessa impassibilidade, particularmente chocante se lhe compararmos a efervescência boulangista? Um pouco, infelizmente, do espírito anti-semita, mantido século após século pela criminoso campanha dos dez últimos anos; mas também a convicção de que, qualquer que deva ser

o herói da batalha atual, judeu ou católico, financista ariano ou financista semita, será sempre um explorador e um opressor, e que, ainda não tendo passado o tempo em que o escravo poderá suprimir de uma vez todos aqueles que o oprimem, é melhor para ele permanecer estranho ao debate.

Ora, se essa conjectura é exata, se é verdade que a massa operária permaneceu indiferente à agitação destes últimos tempos porque não percebeu nisso qualquer chance de sucesso para a ação social, para a revolução econômica realmente liberadora, só podemos felicitá-la por isso; e ainda que os gritos de : "Viva o rei!", "Ataquemos os judeus!", lançados em 17 de janeiro no *meeting* de Tivoli-Waux-Hall tenham despertado em nós o puro instinto combativo, e que nossas bengalas tenham golpeado crânios católico-monarquistas, desejamos que o motivo da impassibilidade popular continue a se fortalecer, que o povo observe cada vez mais friamente as competições ferozes que se manifestam diante da potência pública, e reserve-se para o momento em que a força lhe tiver chegado para derrubar o edifício capitalista por inteiro.

Como lhe virá essa força? Como se desenvolverá nele essa consciência da obra radical necessária? Pela instrução econômica.

Dissemos há pouco: ele é corajoso; quatro vezes neste século ele demonstrou que uma luta — mesmo desigual — não o detém, e qualquer que seja, com relação a isso, a aparente confiança demonstrada pelos dirigentes, nenhum deles duvida de que, se o povo quisesse, uma quinta revolução política poderia ser feita amanhã; mas essa massa operária, que desde há vinte anos abre-se à vida intelectual, que já não se contenta em produzir, mas quer saber como e por que ela produz; que, em toda parte, nos Estados Unidos, na Rússia,

na França, na Inglaterra, afirma, enfim, seu direito ao bem-estar, ela quer levar o mais distante possível seu aperfeiçoamento moral e só lutar pela verdadeira liberdade no dia em que, tendo-a merecido pela intensidade de seu desejo, ela saberá conquistá-la... e conservá-la.

Não serei mais otimista do que convém, e confesso que, para a maioria dos trabalhadores, a instrução econômica é apenas esboçada. Mas não é o nível intelectual alcançado pelo pessoal de elite que administra os interesses profissionais dos 250.000 operários sindicalizados franceses? Enumerai os resultados obtidos pelos grupos operários em matéria de ensino técnico, científico e artístico; consultai o programa dos cursos instituídos pelos sindicatos operários e pelas Bolsas do Trabalho: desenho, ciências matemáticas e físicas, tecnologia, línguas vivas, lingüística, nada do que completa o homem é ali esquecido, nada do que faz a vida intelectual e moral é ali omitido, e se, às vezes, um sindicato se queixa de que seus cursos foram desertados, quantos outros, contudo (e a Bolsa do Trabalho de Toulouse declarava-o, no que lhe diz respeito, há um mês), vêem-se invadidos por uma multidão de jovens sedentos de saber! Observai quais autores habitam as bibliotecas operárias! Lamarck, Haeckel e Darwin ladeiam seus continuadores, Büchner, Manouvrier, Letourneau, Lanessan; Marx e Proudhon disputam ali no que concerne às contradições econômicas; Pierre Leroux denuncia a plutocracia e Saint-Simon prega a religião do futuro; outros recordam as datas famosas da história revolucionária: a Internacional, a Comuna, os congressos; as obras de arte mecânica, de cosmografia juntam-se ali aos sonhos comunistas de Campanella, Morelly, Cabet; Émile Zola, Anatole France, Mirbeau, Geffry, Descaves, Leyret, Darien contam a vida social

moderna; Kropotkin e Lafargue, Colins e Grave falam da sociedade vindoura...

Não é maravilhoso esse esforço rumo ao conhecimento? E se ele só nos assegura a liberação para uma data distante, se ele não nos permite esperar que possamos, quanto a nós, pisar a Terra Prometida, não nos oferece, ao menos, a consoladora certeza de que o dia em que o povo levantar-se, ele terá, com o ferro, com o fogo, essa arma mais segura do que todas as outras: a força moral proporcionada pela cultura da inteligência?

A organização sindical do proletariado e o programa que ele se deu são o mais surpreendente exemplo do que pode a consciência de um ideal bem definido, unida a uma vontade clara.

Pela defesa dos interesses profissionais: a união dos operários do mesmo ofício, indicando-se uns aos outros as condições e as necessidades do trabalho, as modificações imediatas ou distantes possíveis, os meios eficazes de resistência à exploração particular e de luta contra a exploração geral.

Pela defesa dos interesses coletivos e o sucesso da guerra social: a união dos operários de todos os ofícios, exercitando as mãos nas escaramuças cotidianas, extraindo o vigor moral no tesouro dos conhecimentos humanos, conduzindo de frente o exercício dos músculos e à ginástica do cérebro.

Para programa: o englobamento de todas as forças operárias numa rede gigantesca e unida de sindicatos, sociedades cooperativas, casas do marinheiro, ligas de resistência, Bolsas do Trabalho; a difusão das ciências; o estudo dos problemas econômicos; o exame dos métodos de produção e repartição das riquezas, tudo isso determinando o sentido, ainda incerto mas que se fortalecerá, do modo de trabalho e con-



sumo suscetível de conciliar com as exigências de necessidades iguais em direitos, a necessidade de um avanço constante rumo à inacessível perfeição.

Tais são, não apenas na França, mas no mundo inteiro, a organização e o programa dos trabalhadores. E em que país, em que época da história pôde-se constatar, não digo apenas tão formidável organização, tão vasto programa, mas ainda uma tendência mais caracterizada rumo ao belo e ao bem, tal aspiração ao desenvolvimento perfeito do indivíduo?

À medida, contudo, que se elabora nos espíritos o organismo futuro, novos meios oferecem-se para precipitar a evolução social, para apressar essa consciência da obra revolucionária, sem o que a luta seria apenas um desperdício de forças.

Não se cessa de dizer que os produtos, que custam tão caro ao operário, beneficiam escandalosamente o capitalista; que, de ano a ano, o poder de compra dos pobres diminui, enquanto o dos afortunados aumenta, a riqueza cresce sempre e a miséria torna-se cada vez mais pavorosa; declaram-se as condições econômicas tais que, quanto mais se acumularão os anos, mais o povo será espremido e mais inúteis tornar-se-ão seus esforços para proteger pacificamente sua existência; diz-se ainda... Mas o que é tudo isso senão puras afirmações?

É necessário outra coisa. É preciso oferecer ao povo o meio de extrair ele próprio os fenômenos sociais, e desses fenômenos, toda a sua significação. E, para isso, colocar-lhe sob os olhos o que é a própria matéria da ciência social: os produtos e sua história.

Existem museus de artes e ofícios que, mais freqüentados, seriam admiráveis estabelecimentos de ensino tecnológico; não apenas do ponto de vista especial a cada categoria

de trabalhadores, mas do ponto de vista geral, o operário não devendo restringir-se ao estudo das descobertas científicas ou mecânicas que interessam unicamente sua profissão, mas devendo abraçar o conjunto dos conhecimentos, observar os laços que os unem, adquirir a faculdade de generalização, única capaz de coordenar os inumeráveis esforços individuais.

Gustave Geffroy propôs a criação de museus noturnos, que seriam focos de arte industrial.

Cada uma das exposições internacionais organizadas desde 1867 teve uma seção de economia social interessante.

O que nós desejaríamos é algo diferente: um museu organizado de tal sorte que a simples vista dos produtos familiarizasse os visitantes com a ciência econômica; que a monografia afixada a cada objeto fosse a mais completã e a mais eloquente lição de socialismo e revolução.

O que quer provar a economia social? Que o Capital tende e tenderá sempre a reduzir ao estrito necessário a parte reservada ao trabalho sobre a venda dos produtos; que a riqueza concentra-se cada vez mais e que, paralelamente, a miséria torna-se cada vez intensa e geral; que essa "lei" não é limitada a tal ou qual região e a tais ou quais circunstâncias, mas que ela se manifesta em toda parte e em todas as circunstâncias; que ela torna quimérica a esperança de melhorar o estado social onde ela pôde nascer; que se procurarmos sua causa, nós a encontramos na dependência em que a riqueza mantém a pobreza ou, para ser mais exato, na faculdade de capitalização; que essa faculdade de capitalização resulta do fato de os produtos, em vez de serem considerados como simples meios para o homem de reparar suas perdas de força muscular, têm um valor comercial cuja única razão é permitir

aos hábeis açambarcá-los e só cedê-los mediante o direito de não mais produzir pessoalmente; que, assim, quimérico em um estado social em que existe o valor mercantil, a esperança de melhorar o destino dos homens tornar-se-á certeza no dia em que se produzir para consumir, não para vender; que, enfim, a riqueza sendo superior a toda força, porquanto pôde constituir e manter durante séculos um regime contrário a toda justiça, só a força das armas edificará a sociedade na qual os produtos cessarão de ser mercadorias para ser apenas meios de conservação da vida humana.

Eis do que o estudo, a reflexão e, um pouco, a experiência persuadiram-nos; mas gostaríamos que o povo e nós próprios pudéssemos verificá-lo com certeza. Como chegar a isso?

Temos sob os olhos amostras dos fios empregados nas tecelagens de Amiens. Sabemos quanto ganham os operários que os tecem; quanto ganham, também, os tecelões de outras regiões. Mas o que esses números indicam-nos? Quase nada, visto que ignoramos todas as circunstâncias acessórias que, só elas, dar-lhes-iam seu verdadeiro valor. Assim, ignoramos o custo das matérias-primas nos diversos países produtores e seu custo inicial nas manufaturas, quer dizer, o montante do valor sacado pelo transporte, pela alfândega, pelos intermediários; o que exigem a alimentação, a moradia e, a manutenção dos operários, único meio de conhecer o que vale realmente seu salário; se o salário acusado é aquele de cada jornada de trabalho ou de cada um dos 365 dias do ano; quanto, em que quantidade e onde o fabricante vende seus produtos; a que preço conseguem-nos os consumidores de varejo etc. Sobre o que poderíamos, pois, fundar solidamente os princípios econômicos que deduzimos empiricamente de estatísticas rudimentares e, às vezes, duvidosas?

Apelar ao concurso do Estado? Pedir-lhe um ministério do Trabalho? Rogá-lo para revelar ao proletariado o segredo da iniquidade capitalista?... Não. Só o povo pode e deve coletar os elementos de sua instrução.

Sonhamos com um Museu que possua tantas seções quanto existem de uniões operárias locais; anexando à amostragem de cada um dos produtos manufaturados toda a sua história. Gostaríamos de conhecer em alguns minutos de onde vem o tecido colocado sob os nossos olhos, as diversas regiões onde é fabricado, seu preço de custo; o número de operários que sua fabricação exige; seu salário; o que eles gastam para viver; quantas horas trabalham por dia e quantos dias por ano; o preço de venda no atacado e no varejo do tecido; o número, a natureza e a produtividade das máquinas que o teceram; todos esses números atualizados e indicando sempre a situação comparativa entre o capitalista e o operário, o produtor e o consumidor, de tal sorte que, pouco tempo depois, essa verdade eclodisse aos olhos dos operários da indústria têxtil; que greves, associações de socorros mútuos, ligas contra o desemprego, leis operárias, tudo isso não deteve a pauperização do mesmo modo que um dique de areia não deteria o mar.

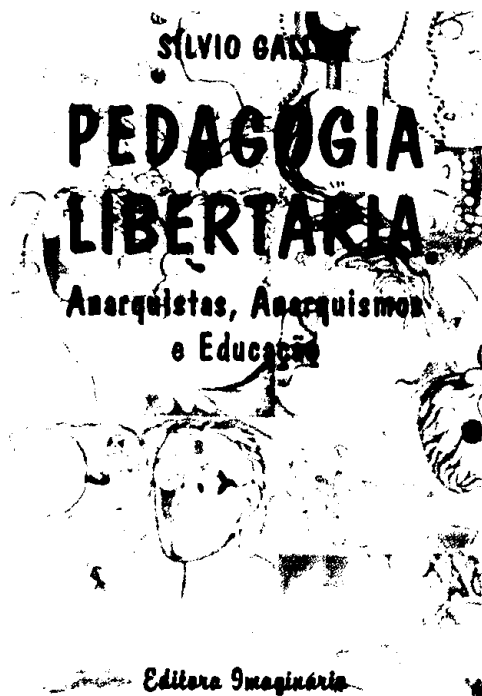
Imaginal agora uma monografia semelhante para todos os produtos da indústria humana: para o mineral extraído das profundezas dos Urais, o carvão da Vestfália ou do Gard; para o horrível bibelô de Nuremberg e a delicada cestaria do Palatinado, para o cristal da Boêmia e o vidro da Pensilvânia ou do Tarn, para o diamante da Índia e a tapeçaria dos Gobelins; para as cerâmicas de Aubagne e as maravilhas azuladas de Sèvres; para tudo que proporciona a uns gozos de avaro, volúpias de artista ou vis satisfações de vaidosos, e que custa aos outros tanta miséria, tantas dores pacientemente supor-

tadas, silenciosa e estupidamente devoradas. Imaginai, enfim, esses testemunhos vivos da iniquidade social expostos ao mesmo tempo e constantemente em todas as grandes cidades: ao ceramista, ao modelador, que essas obras, saídas de suas mãos e das quais mal retiram sua subsistência, irão ornar as residências de homens riquíssimos — e essas silenciosas lições não serão mais eloqüentes do que esses estêreis clamores revolucionários pelos quais ficam ofegantes os oradores de bistrô?

Que esse Museu seja realizável, não há por que discuti-lo. Querer não é poder? E o que nos falta para criar o Museu do Trabalho? Temos para a estimativa, a origem, a história do produto, desde a entrada da matéria-prima na fábrica até a colocação à venda do objeto manufaturado, as federações profissionais de todos os países, os relatórios dos agentes consulares de todas as nações, os sindicatos de viajantes, de representantes de comércio e contabilistas; para as condições mecânicas nas quais se elaboram o produto, temos os tratados especiais e as informações dos operários; para as condições econômicas, as declarações dos sindicatos.

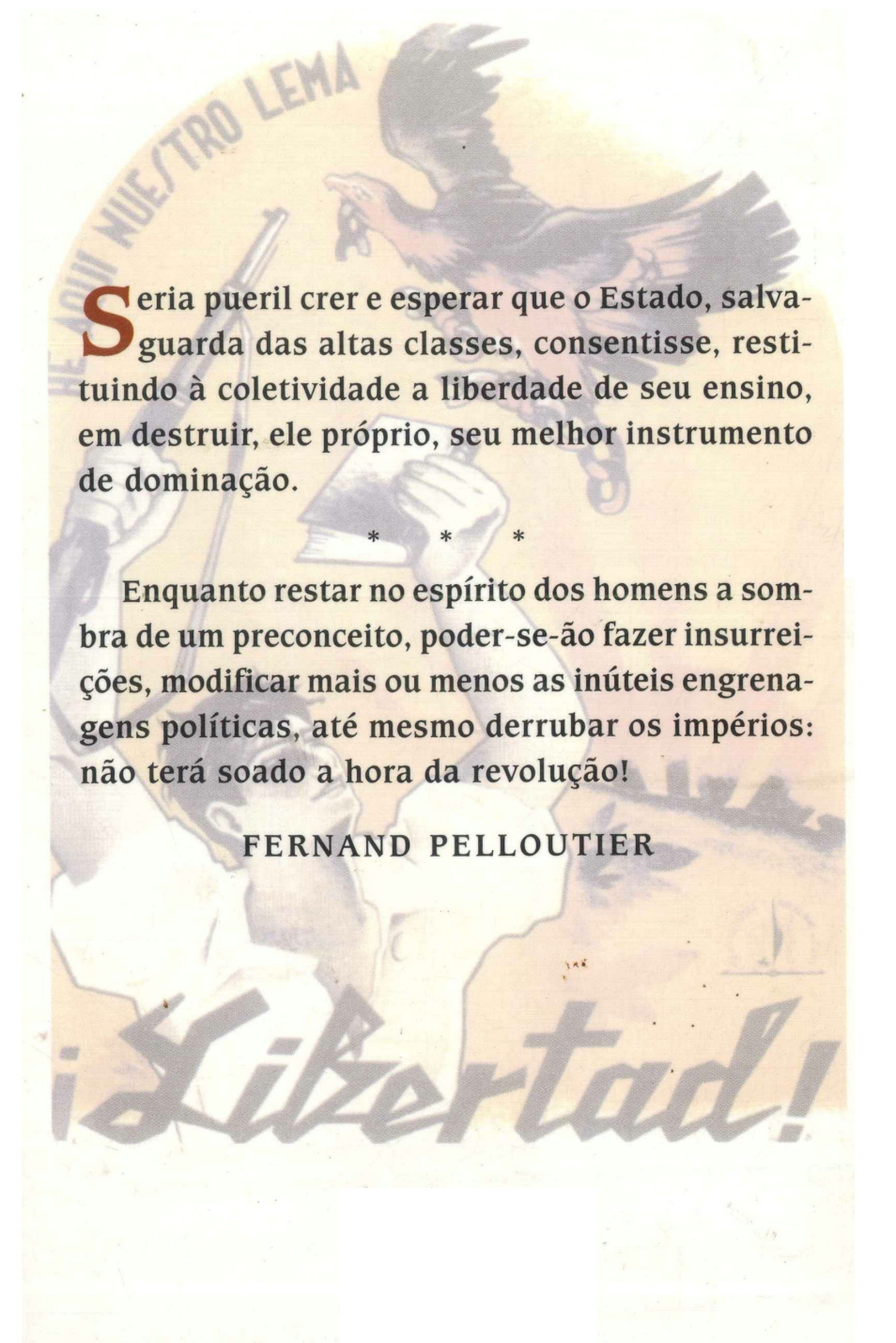
Que se imagine o efeito de tal lição de coisas, a intensidade de agitação, a extraordinária crise que determinaria ao mesmo tempo entre todos os trabalhadores, a convicção de que o mal social é em toda a parte o mesmo, e que, o que quer que se faça, não cessa de se agravar. Que, inclusive, para ver mais claramente o valor dessa propaganda, os iniciadores de uma seção operária na Exposição de 1900 fornecem, em apoio à demanda de crédito que eles vão fazer ao governo e despojando-o de suas considerações subversivas, o plano que acabamos de expor, e ao clamor dos dirigentes poderão julgar o alcance de um museu assim compreendido.

Quanto a nós, faremos o impossível para preparar esse museu. O que quer que tenham dito nos recentes congressos de Toulouse, na Federação das Bolsas do Trabalho e alhures, camaradas demasiado apaixonados pela insurreição clássica e que não enxergam por trás do presidente do Club des Saisons o autor de *Critique Sociale*, permanecemos convictos de que se deve temer as revoltas prematuras. Tomemos parte nelas; mas não cessemos de trabalhar pela instrução popular, de tal sorte que, eclodindo só no dia em que será feita nos cérebros, a revolução social nos libertará definitivamente da autoridade e da exploração, e só nos deixará a tarefa de melhorar sempre as condições de nossa existência.



Os textos estão agrupados não em ordem cronológica, mas em quatro grandes categorias temáticas: em primeiro lugar, artigos que tratam da pedagogia libertária de forma mais teórica, explicitando seus conceitos, sua filosofia; depois, um conjunto de textos que tratam de experiências históricas de educação libertária; segue um terceiro conjunto, onde são analisadas as questões relativas ao ensino público e como o anarquismo lida com elas; por fim, alguns textos que procuram fazer uma leitura contemporânea dos princípios libertários em educação.

Sílvio Gallo



**S**eria pueril crer e esperar que o Estado, salva-  
guarda das altas classes, consentisse, resti-  
tuindo à coletividade a liberdade de seu ensino,  
em destruir, ele próprio, seu melhor instrumento  
de dominação.

\* \* \*

Enquanto restar no espírito dos homens a som-  
bra de um preconceito, poder-se-ão fazer insurrei-  
ções, modificar mais ou menos as inúteis engrena-  
gens políticas, até mesmo derrubar os impérios:  
não terá soado a hora da revolução!

FERNAND PELLOUTIER

*¡Libertad!*